



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Psicologia
Grupo de Pesquisa em Subjetividade e Trabalho (GPST)

“A voz do pobre não tem poesia”

**A Divisão Sexual do Trabalho na História de Vida de uma Mulher, Mãe e Trabalhadora
de uma Comunidade Periférica**

Aluna: Ana Beatriz Medeiros Lima

Orientadora: Profa. Dra. Manuella Castelo Branco Pessoa

João Pessoa
2022

Ana Beatriz Medeiros Lima

“A voz do pobre não tem poesia”

**A Divisão Sexual do Trabalho na História de Vida de uma Mulher, Mãe e Trabalhadora
de uma Comunidade Periférica**

Trabalho de Conclusão de Curso II, tendo como orientadora a Professora Dra. Manuella Castelo Branco Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba, no Departamento de Psicologia, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

João Pessoa
2022

Ana Beatriz Medeiros Lima

“A voz do pobre não tem poesia”

A Divisão Sexual do Trabalho na História de Vida de uma Mulher, Mãe e Trabalhadora de uma Comunidade Periférica

Trabalho de Conclusão de Curso II, tendo como orientadora a Professora Dra. Manuella Castelo Branco Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba, no Departamento de Psicologia, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

João Pessoa, 20 de junho de 2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Manuella Castelo Branco Pessoa (orientadora)

Profa. Dra. Tatiana Torres Lucena

Alessandra Renata Geremias

*O que
eles chamam de
amor,
nós chamamos de
trabalho não remunerado*

Silvia Federici

Agradecimentos

A todas as mulheres.

Àquelas que, na defesa de todas nós, ecoaram gritos, derramaram lágrimas e suor, perderam sangue e vida. Àquelas que, graças às suas lutas, eu posso estar escrevendo estas palavras enquanto estudante de uma universidade pública. Também àquelas que estão por vir e, com esperança, darão continuidade à luta contra a opressão e a exploração das mulheres.

À Carolina Maria de Jesus, cujo diário suscitou em mim tantas inquietações diante dessa sociedade ainda tão cruel. Também a todas que materializaram suas dores e suas aspirações em escritos que me educaram e me fortaleceram. Não caberia aqui a lista das incontáveis mulheres que me ensinaram a força da voz feminina.

À minha mãe, à dona Elizete, mãe de minha mãe, à dona Ivanize, mãe de meu pai, e todas aquelas cujos corpos foram abrigo para a minha existência. São vocês as minhas maiores inspirações.

À Shirley, minha mãe, que merece destaque neste agradecimento. Aquela cujos cuidados, trabalho e tempo foram fundamentais para que eu pudesse ser quem sou. Palavras nunca serão suficientes para demonstrar minha gratidão pelas conversas que me instigaram, leituras que me inspiraram, músicas que me acalmaram e os abraços que me acolheram. Mainha, obrigada por ser a minha certeza nessa vida.

À Jade, minha irmã. Aquela que até um simples suspiro suscita em mim certo encantamento, tamanha suavidade e doçura que é sua passagem por esse mundo, às vezes tão duro e amargo. Jadinha, minha vida não seria a mesma sem você.

Ao meu pai, Jorge. Não consigo me lembrar de um dia em que a sua presença em minha vida não tenha significado acolhimento, torcida e carinho. Painho, nunca saberei como te mostrar o quanto me sinto sortuda por ser sua filha.

A toda minha família que me acompanha desde os primeiros passos e está presente nos momentos mais importantes, sempre com muita empolgação e muito amor. À seu Geraldo, meu avô, que abre os braços e um sorriso quando me vê e me chama de “minha psicóloga”.

Às minhas tias sempre tão carinhosas. Geusa, minha dinda de coração, obrigada por tanto, sempre. Sheyla e Gilma, obrigada por, mesmo na distância física, se fazerem tão presentes no afeto. Aos meus tios sempre tão acolhedores. Paulinho, meu dindo de coração, obrigada por cuidar de mim, sempre. Léo e Thiago, obrigada por tudo que fazem meus olhos brilharem de inspiração.

Às minhas primas tão amorosas. Janaína, em especial, por ser aquela com quem aprendi sobre como lidar com as situações mais difíceis de uma maneira tão amável e sensível.

Às minhas professoras. Aquelas mulheres que me encantaram no caminho da graduação e com quem tanto cresci enquanto futura profissional de psicologia. Eloá, sou feliz por ter te conhecido no início da minha trajetória pela pesquisa acadêmica. Marísia, obrigada por estar comigo, com tanta ternura, em um projeto de extensão tão potente. Tati, sendo sua monitora, eu aprendi muito sobre uma docência ao mesmo tempo comprometida e afetuosa.

À Manu, minha orientadora, que acolheu minhas ideias de forma tão carinhosa, que abriu portas pra mim que eu não imaginava poder seguir na psicologia, que escutou e acalmou meus desabafos e inquietações de forma tão generosa. Obrigada pela sua presença tão doce no final da minha graduação.

À Carol, minha dupla de graduação e minha irmã de coração. Sinto que é impossível descrever tudo que você já fez por mim e como sou agradecida por isso. Obrigada por estar comigo desde o primeiro dia do curso e por me dar a certeza que estaremos juntas até o final das nossas vidas. À Mamá que enche meu coração de felicidade sempre que, com euforia, pega o telefone de Carol para falar com “tia Bia” e à sua irmãzinha mais nova ou ao seu irmãozinho mais novo que está a caminho.

Às minhas amigas e aos meus amigos de curso, não lembro de um dia na universidade em que vocês não me fizeram sorrir. Rochelly, Boni, Rian, Karen, Marina, Isadora, Letícia, Lis, Felipe, Gabi, Cleicy, Théo, Valder, Glaydson, obrigada por tornarem essa caminhada mais

leve. Tati, eu vou sentir falta de te encontrar todos os dias da semana e rir contigo das coisas mais banais.

Às mulheres com quem divido o campo de futebol nas sextas-feiras. Sara, que sorte ter te conhecido. Luiza e Natália, obrigada por secarem minhas lágrimas nos dias difíceis e por arrancarem outras de tanto me fazerem rir. Luana e Malu, obrigada pelo cuidado tão atento com este trabalho e por serem alegria na minha vida.

A todos os meus amigos da escola que continuam comigo, lembro de cada bom momento ao lado de vocês.

Aos meus irmãos de coração, Ada, Chico e Zé, sempre tão presentes e amorosos. Vocês sabem a importância em minha vida, obrigada por todos os momentos que a tornaram mais feliz.

Às mulheres que eu tive a sorte de conhecer no final da graduação e com quem tive a felicidade de compartilhar os dias de estágio. Artila, não tenho palavras para te dizer o tanto que aprendi contigo, o quanto você me inspira e me fortalece, obrigada pela presença sempre tão acolhedora. Lígia, sua companhia fez meus dias de estágio muito mais alegres, que sorte ter você como minha dupla. Joyce e Gio, lamento não ter tido mais tempo trabalhando junto a vocês. Alexia, com você aprendi que uma simples mensagem de bom dia pode mudar muita coisa. Mestra Malu, obrigada pelo carinho e pelo cuidado com minhas inquietações.

À toda a equipe da instituição em que estagiei. PF e Vini, obrigada por terem me acolhido e permitirem a realização deste trabalho. Berg, sentirei falta dos seus abraços e dos seus sorrisos. Às meninas e mulheres, educandas e mães, da instituição, meu olhar para vocês sempre foi de muita admiração e inspiração, estará no meu coração os abraços de todas.

Por último e mais importante, à mulher que me confiou relatos tão íntimos, cuja história de vida direcionou a construção deste trabalho. Aquela que, na hora em que eu chegava no estágio, me recebia com um abraço; que, na hora do almoço, abria a panela para me mostrar o feijão que preparou pra gente, sabendo que é um dos meus pratos favoritos; e que, na hora de ir embora, me deixava com saudade do sorriso que sempre alegrou nossos dias. Janiele, que você saiba quão lindo é o seu coração e quão longe você ainda pode ir.

Sumário

Introdução	9
Revisão Bibliográfica	12
Trabalho: uma compreensão a partir da materialidade e da historicidade	12
Divisão sexual do trabalho: a centralidade do trabalho reprodutivo na experiência de vida das mulheres	13
O trabalho feminino no cenário contemporâneo	15
A mulher, o corpo e a classe social: os sentidos do trabalho e sua complexidade	17
Metodologia	20
Contexto e participante	21
Procedimentos metodológicos e éticos	22
Análise dos dados: colocando em diálogo o campo e a teoria	24
Resultados e discussão	26
De onde fala Janiele?	27
“Eu sempre fui assim, mãezona”: A vida, o cuidado e o tornar-se mulher adulta	30
“Eu tinha que correr contra o tempo”: O estudo em face do trabalho reprodutivo e produtivo	37
“Eu fazia mil e uma coisas, mas eu gostava”: A divisão sexual do trabalho na história de vida de Janiele	50
Considerações finais	57
Referências	62

Introdução

Existir enquanto mulher é ter a trajetória de vida, inevitavelmente, atravessada pelas - dolorosas - nuances da desigualdade de gênero. Essas vivências afetam as mulheres, de diferentes formas e intensidades. Os marcadores sociais de gênero, classe, raça e territorialização engendram os mais variados mecanismos de exploração e opressão. Considerando a especificidade da constituição do Brasil enquanto Estado, suas raízes coloniais e escravistas, e também a manutenção de relações sociais baseadas numa lógica de segregação e marginalização, o primeiro ponto a ser levantado neste trabalho é uma forte contraposição à concepção universalista de mulher, reconhecendo a existência de mulheres que são mais vulneráveis aos penosos desencadeamentos de uma sociedade estruturada nos moldes do capitalismo e do patriarcado (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019).

Levando em conta os diversos atravessamentos que constroem as trajetórias de vida das mulheres, o segundo ponto a ser considerado é o reconhecimento e a denúncia, neste estudo, do funcionamento do sistema capitalista a partir de relações de poder que sustentam meios de opressão e exploração de gênero, classe e raça. Ainda, é importante situar a divisão sexual do trabalho como elemento estruturante do capitalismo e como base fundamental para a posição desigual das mulheres na sociedade contemporânea, através de restrições e desvantagens que se alicerçam nas hierarquias de gênero oriundas dessa distribuição diferencial de homens e mulheres nos trabalhos produtivo e reprodutivo (Biroli, 2016). Define-se, portanto, aquelas cujo capital se beneficia, fazendo recair os efeitos dessa estrutura de dominação: as mulheres de classe social mais pauperizada que ocupam, conseqüentemente, trabalhos precários e desprotegidos e que são, em sua maioria, negras.

Este estudo tem como objetivo principal a análise da trajetória de vida e laboral de uma trabalhadora de uma comunidade periférica. É importante ressaltar que a delimitação do problema que orienta esta pesquisa tem paralelo com inquietações que estiveram presentes ao

longo da minha trajetória dentro e fora da universidade. Os questionamentos aqui levantados ficaram mais evidentes a partir da experiência de estágio no final da graduação, em uma Organização Não Governamental (ONG) localizada no bairro do Roger, na cidade de João Pessoa, onde conheci a trabalhadora que suscitou as perguntas que procuro responder nesta pesquisa. Identificando meu lugar de privilégio, enquanto mulher branca, estudante de uma universidade pública, e seguindo meu interesse em compreender a divisão sexual do trabalho a partir das experiências de quem está mais vulnerável aos seus efeitos, destaco que essa investigação terá como enfoque a história de vida de uma mulher, negra, mãe, trabalhadora e periférica.

As perguntas norteadoras procuram revelar, através da narrativa de uma mulher que tem sua história moldada pelos papéis de gênero, a realidade psicológica do não reconhecimento do trabalho reprodutivo, aquele tradicionalmente associado à figura feminina, tais como as atividades domésticas e de cuidado. Existe o reconhecimento de que é cultural, e não natural, a noção de que certas atividades e funções são exclusivas das mulheres? Há alguma inquietação ou desejo de mudança em relação às atribuições dos papéis de gênero, especialmente aquelas ligadas ao trabalho reprodutivo? A sobrecarga de trabalho, o sofrimento e o adoecimento estão presentes na realidade concreta dessa mulher? Quais as condições sociais e psíquicas que situam essa mulher como vulnerável a condições de opressão e exploração?

Embasando tais inquietações, parte-se da Psicologia Social do Trabalho (PST), que assume uma perspectiva crítica de investigação e de compromisso político, especialmente no que se refere à denúncia dos processos de precarização e exploração do trabalho. É a partir da PST que se reconhece o trabalho como fenômeno psicossocial de natureza complexa, considerando-o em suas diversas formas, incluindo o trabalho doméstico não remunerado. Além disso, assim como afirma Ribeiro et al. (2017), uma prática baseada no olhar da PST

parte dos problemas concretos e cotidianos vividos pelos trabalhadores, contanto com as experiências dos que realizam as atividades de trabalho. Uma vez que sua complexidade não se desvela por uma simples observação, é pertinente centrar essa pesquisa naquilo que uma trabalhadora tem para narrar sobre o seu trabalho.

Somado a esta, parte-se também da perspectiva da divisão sexual do trabalho e outras autoras feministas (Hirata & Kergoat, 2007; Hirata, 2001, 2015; Federici, 2017, 2021; Cisne, 2018; Biroli, 2016). É reconhecido o longo histórico da opressão de gênero, anterior, inclusive, ao sistema capitalista; sem excluir, contudo, o entendimento de que o capital faz uso dessa opressão e funciona a partir de mecanismos de exploração, com destaque para o trabalho realizado fora da esfera produtiva, em sua maioria, pelas mulheres. A inquietação que embasa a investigação aqui sugerida diz respeito ao que ainda sustenta uma lógica de exploração que afeta tantas mulheres. O estudo sobre a divisão sexual do trabalho permite afirmar a existência de sobrecarga de trabalho para a mulher. Desse modo, refletir a partir do relato de alguém que cotidianamente enfrenta os efeitos de tal funcionamento faz com que essa investigação seja de grande importância.

Assim, a relevância social desta pesquisa se evidencia na busca por considerar a narrativa de uma mulher, com sua história construída a partir do entrecruzamento dos marcadores sociais de classe e raça, sobre como se manifestam os mecanismos de opressão e exploração de gênero na realidade concreta. Tecidas essas considerações, evidencia-se o empenho em fazer com que esse estudo venha contribuir com a construção de uma ciência socialmente comprometida. Os caminhos propostos para a investigação desta pesquisa são orientados para uma transformação que ultrapassa os limites da academia.

Reconhecer a estrutura de exploração do trabalho das mulheres é assumir um compromisso histórico de denúncia, visando melhorias na organização social, econômica e política para a valorização do trabalho reprodutivo, e é a isso que este estudo se propõe.

Sendo assim, visar a transformação social a partir da tomada de consciência individual e coletiva é o caminho para firmar o compromisso com todas aquelas cujos trabalhos são invisibilizados e não reconhecidos como fundamentais para a existência e o funcionamento da sociedade.

Revisão Bibliográfica

Trabalho: uma compreensão a partir da materialidade e da historicidade

Compreender o ser humano a partir das relações sociais, dos meios de produção e das condições socioeconômicas, é colocar, necessariamente, o trabalho no centro de análise das condições estruturantes do seu desenvolvimento em meio social. Partindo de um entendimento sobre a construção recíproca entre sujeito e sociedade, a categoria *trabalho* é localizada não apenas enquanto atividade vital e orientadora do desenvolvimento humano, mas também “*impulsiona processos de subjetivação, a realização de si e a construção da saúde*” (Barros & Lancman, 2016, p. 228). Tal compreensão se mostra com relevância especialmente no contexto da sociedade capitalista, alicerçada, de um lado, no lucro e acumulação do capital e, do outro lado, na exploração da classe trabalhadora (Federici, 2017).

Um resgate histórico da industrialização brasileira nos ajuda na compreensão a respeito de como, até nos dias atuais, condições sociais, políticas e econômicas desfavoráveis se perpetuam pela classe trabalhadora. Como afirmam Navarro, Maciel e Matos (2017), instaurou-se um processo tardio de industrialização no Brasil, subordinado à economia internacional e, principalmente, periférico. E mesmo com a reestruturação produtiva, o que se percebe é a manutenção de condições e direitos trabalhistas desfavoráveis, tais como precariedade, informalidade e vulnerabilidade. Sato, Coutinho e Bernardo (2017) defendem uma compreensão do trabalho a partir de sua materialidade e sua historicidade, o que demanda considerações sobre as relações de poder que atravessam a divisão social do

trabalho, os valores e ideologias - nos termos marxistas -, assim como sobre as condições e peculiaridades do capitalismo contemporâneo.

A autora Passos (2016), partindo do pensamento de Lukács e de Marx, traz importantes considerações a respeito do trabalho e seu caráter estruturante do ser social. A partir de Lukács, formula-se o entendimento do trabalho enquanto meio através do qual se concretiza, na interação do ser social com o mundo, a transformação da natureza, do indivíduo e das relações sociais. A contribuição de Marx vai no sentido de apontar também para o processo de transformação da natureza enquanto produto do trabalho, ressaltando, no entanto, como este se torna mercadoria na sociedade capitalista e resulta em um modelo baseado no enriquecimento de poucos em detrimento das necessidades sociais de grande maioria. Nesse sentido, as contribuições da Psicologia Social do Trabalho surgem como indispensáveis..

As autoras Vieira e Amaral (2013) destacam o trabalho como não apenas fonte de reconhecimento social, mas também elemento constitutivo do ser, ao passo que explicam como o papel de trabalhador se articula com a constituição da identidade do ser, especialmente no contexto de consolidação do sistema capitalista. O mundo do trabalho é, portanto, um importante cenário para o qual deve se direcionar a atenção ao tecer reflexões sobre os mecanismos de exploração e opressão que o capitalismo estrutura, especialmente em relação às mulheres, uma vez que ele é uma das principais vias de concretização das relações de poder e, conseqüentemente, de tais mecanismos.

Divisão sexual do trabalho: a centralidade do trabalho reprodutivo na experiência de vida das mulheres

Alguns conceitos, como divisão sexual do trabalho e trabalho reprodutivo ajudam a construir a compreensão de que as mulheres trabalhadoras são uma das principais vítimas de um sistema de classe e são também, como afirma Silvia Federici (2017, p. 27), “*uma forma*

particular de exploração e, portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história das relações capitalistas”. É no mesmo caminho dessa compreensão que, ao falar sobre o trabalho feminino a partir das experiências de catadoras de materiais recicláveis, Coelho et al. (2018) colocam o trabalho como aspecto central, juntamente com os elementos históricos e culturais que o cercam, na reflexão sobre a saúde da mulher no seu âmbito subjetivo e social, pela sua possibilidade de influenciar na subjetividade da trabalhadora através de marcas de exclusão e de injustiças. Além disso, as experiências das catadoras também elencam as desigualdades na divisão das responsabilidades no espaço familiar, demonstrando que, para além da vida produtiva, as mulheres trabalhadoras são vítimas da exploração de um sistema econômico que desvaloriza o trabalho doméstico.

A visão marxista sobre o trabalho de produção - aquele que produz mais-valia - é fundamental para uma compreensão da sociedade capitalista e das relações de poder, de exploração e de opressão estruturadas a partir do seu funcionamento. Entretanto, o olhar voltado para a realidade das mulheres trabalhadoras indica a importância de expandir o entendimento a respeito da exploração capitalista para o espaço de trabalho doméstico. Nesse sentido, Silvia Federici (2017) comenta sobre como Marx considerava a acumulação primitiva como um passo necessário no processo de libertação humana, uma vez que o desenvolvimento capitalista incrementava a capacidade produtiva do trabalho, criando as condições materiais para libertar a humanidade da escassez e da necessidade, concluindo que *“Marx nunca poderia ter suposto que o capitalismo preparava o caminho para a libertação humana se tivesse olhado sua história do ponto de vista das mulheres”* (p. 27).

Mirla Cisne (2018, p. 212) fala sobre como as relações sociais de sexo, raça e classe são estruturantes ao passo que *“determinam materialmente a exploração do trabalho por meio da divisão de classe e da divisão sexual e racial do trabalho”*. A divisão sexual do trabalho, conceito que surgiu na França para tratar tanto da divisão desigual do trabalho

doméstico entre os sexos, quanto da distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho (Hirata & Kergoat, 2007), reconhece que as atividades produtivas ocupam espaços prioritariamente masculinos, enquanto as atividades reprodutivas das esferas doméstica e familiar são predominantemente femininas (Guiginski & Wajnman, 2019). Desse modo, coloca-se a divisão sexual do trabalho como elemento central na análise das questões de gênero, especialmente aquelas relacionadas à possibilidade de adoecimento e sobrecarga de trabalho decorrente da sobreposição de responsabilidades assumidas e de tarefas atribuídas às mulheres.

O trabalho feminino no cenário contemporâneo

O aumento da participação das mulheres no mundo do trabalho nas últimas décadas é um efeito evidente da globalização e seus desencadeamentos - sejam esses políticos e econômicos, como mudanças estruturais decorrentes da Primeira Revolução Industrial, sejam comportamentais e sociais, como o aumento do uso de métodos de controle da natalidade, do movimento feminista e do movimento hippie (Vieira & Amaral, 2013). Vale salientar, contudo, que aqui encontra-se um dos paradoxos da globalização, como pontua Hirata (2001), havendo um aumento do emprego feminino remunerado, com maior participação das mulheres em todos os setores do mercado de trabalho, manifestado na realidade, principalmente, através de empregos precários e vulneráveis.

A complexidade da inserção da mulher no espaço de produção social é destacada por estudos atuais relacionando-a, principalmente, ao fato de ainda se manter no funcionamento da sociedade moderna uma desigualdade na divisão das responsabilidades domésticas entre homens e mulheres. Surgem como consequências disso: a não liberação das mulheres das tarefas domésticas em detrimento da pouca ou inexistente participação dos homens; a crescente demanda por qualificação da/o trabalhadora/or, acarretando, muitas vezes, o cumprimento de até tripla jornada de trabalho por parte das mulheres - profissional, familiar e

educacional; e a redução do tempo livre e do bem-estar por sobrecarga de trabalho (Vieira & Amaral, 2013; Guiginski, J., 2019, & Wajnman, S., 2019; Coelho et al., 2018).

Tal conjectura encontra alicerce na desvalorização - cotidiana, cultural e institucional - do trabalho reprodutivo. Em decorrência, faz-se com que exista pouco ou nenhum incentivo para que homens se dediquem igualmente aos espaços de produção e reprodução social, assim como comumente se espera das mulheres. As autoras Guiginski e Wajnman (2019), ao analisarem os efeitos da presença de filhos na participação e na qualidade da inserção no mundo do trabalho nas trajetórias de homens e mulheres, pontuam que mesmo havendo uma reestruturação familiar nos tempos atuais, na qual homens e mulheres são responsáveis pelo provimento financeiro, ainda recai sobre as mulheres a responsabilidade para a realização dos serviços domésticos e de cuidado.

Destacam-se, ainda mais, os obstáculos presentes na realidade das mulheres da classe popular no que se refere a sua participação no mercado de trabalho. A partir de um estudo realizado com usuárias e trabalhadoras de Programas Sociais, Santos (2014, p. 491) pontua que dentre as classes populares, as trabalhadoras “*encontram resistência do companheiro para participar das atividades na esfera pública*”, sendo elas desde ciúmes até falta de apoio - emocional ou nos afazeres do lar. Os entraves vão além do espaço doméstico, sendo elas que ocupam a parcela da classe trabalhadora precária e vulnerável. Existem ainda as que não ocupam um espaço no mercado, seja por não encontrar uma ocupação a seu alcance, seja pela impossibilidade de delegação do cuidado (Santos, 2014).

O contraponto entre a realidade das mulheres da classe popular e daquelas que ocupam cargos socialmente valorizados é bem explicitado por Passos (2016):

No caso das profissionais de nível superior e que possuem salários melhores, ocorre uma delegação das atividades domésticas e de cuidados para as mulheres que compõem o outro polo da bipolarização. Apesar de as mulheres conquistarem a

ocupação do mercado de trabalho — ainda que de forma contraditória e precária —, são elas que predominam na efetivação do trabalho doméstico. No caso brasileiro, é importante assinalar que não existe apenas a desigualdade de classes entre as próprias mulheres; há também a desigualdade racial/étnica. (Passos, 2016, p. 289)

As mudanças ocorridas nas últimas décadas foram muitas; as mulheres, através de muita luta, conquistaram vitórias imprescindíveis, ocupando espaços e garantindo direitos. Entretanto, as dinâmicas de poder, exploração e dominação ainda atravessam as relações de gênero. A inserção no mercado de trabalho, associada à autonomia financeira, à sobrevivência material e ao status social conquistado, não pôde definir um cenário de igualdade de gênero, *“uma vez que não liberou a mulher de nenhum outro encargo feminino, como de dona de casa, mãe encarregada da criação dos filhos, e esposa”* (Vieira & Amaral, 2013, p. 409).

A mulher, o corpo e a classe social: os sentidos do trabalho e sua complexidade

As autoras Vasconcelos, Felix e Gatto (2017, p. 331), na defesa de pensar e construir *“novas práticas, discursivas e não discursivas, que quebram com a ideia institucionalizada de corpo de mulher=feminino=heterossexual”*, investigam a existência da imposição de determinados modos de viver o gênero. O enquadramento das experiências das mulheres como sendo iguais - propiciadas pela ideia de “natureza feminina” que todas compartilham -, priorizando a tríade mulher-heterossexual-mãe, juntamente com a apropriação dos corpos, saúdes e subjetividades das mulheres por práticas e linguagens que falam em seu nome, são expressivas problemáticas que surgem a partir dessa apropriação simbólica do corpo feminino.

Nesse mesmo caminho, vão as considerações de Silvia Federici (2017) ao pensar sobre uma “política do corpo”, pontuando as condições sociais e históricas que colocaram o corpo enquanto elemento central para a constituição da feminilidade. Como efeito, tem-se

uma forte oposição à identificação do corpo com a esfera do privado, destacando a possibilidade do corpo se tornar tanto uma fonte de identidade quanto uma prisão. Federici se debruça na apropriação do corpo feminino pelo Estado e pelos homens, salientando como esse foi forçado a funcionar como um meio para a reprodução e acumulação de trabalho. Faz sua defesa, portanto, de que na sociedade capitalista, *“o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência”* (Federici, 2017, p. 34).

A dimensão do corpo nessa perspectiva crítica é importante tendo em vista que é nele onde se inscrevem as marcas de exploração do trabalho. As atribuições dadas às mulheres, sejam elas no âmbito da moral de gênero ou da divisão do trabalho, são determinantes nas suas trajetórias de vida e laboral. As inscrições no corpo desse funcionamento da sociedade capitalista são determinantes para as experiências das mulheres trabalhadoras. O corpo é, nesse sentido, um grande território de vulnerabilidade, considerando a naturalização de desigualdades e relações hierárquicas e a produção de violências, de (des)cuidados e silenciamento (Vasconcelos, Felix & Gatto, 2017). Vale salientar que as diferenças de classe surgem em evidência, em razão de afetarem quase todas as dimensões da existência das mulheres, incluindo a família, o trabalho, a saúde, o lazer e, especialmente, a vulnerabilidade.

A literatura mostra que os marcadores de classe, raça e gênero perpassam pelas construções de sentido do trabalho na vida das mulheres. A sobrecarga de trabalho e a dificuldade na conciliação das responsabilidades domésticas e profissionais são os aspectos mais evidentes, traduzidas na *“persistência das desigualdades de gênero tanto no mercado de trabalho quanto na esfera privada, afetando as possibilidades de acesso a um trabalho decente, a vida familiar e o bem-estar das mulheres”* (Guiginski & Wajnman, 2019, p. 4). Ao atentar-se mais especificamente para a realidade das famílias pobres brasileiras, Santos (2014) pontua que a organização familiar se baseia em uma divisão dos papéis em que o

homem é o chefe de família e a mulher é dona do lar; não havendo possibilidade de delegação do trabalho reprodutivo, como nas famílias de classe média, a mulher muitas vezes precisa se afastar dos espaços de produção.

Partindo da análise da relação entre saúde e trabalho feminino na perspectiva das catadoras de materiais recicláveis, Coelho et al. (2018) demonstra que as narrativas trazem a presença de duplas jornadas de trabalho, obrigações sexuais e comportamentais no casamento, falta de apoio do companheiro na divisão das tarefas domésticas, sobreposição de papéis socialmente femininos e exigências relacionadas ao cumprimento das obrigações do lar. Em contrapartida, a investigação de Vieira e Amaral (2013) feita com mulheres de classe média que conciliam atividades profissionais, o cuidado com a família e as exigências da educação continuada, revela discursos consensuais de satisfação pela possibilidade de conciliação entre a vida pessoal e profissional, havendo o sentimento liberdade por exercerem suas escolhas em administrar maternidade, estudo e trabalho.

Um ponto relevante a se considerar a partir das análises de Vieira e Amaral (2013) é que, apesar de ser mencionada nas narrativas uma revisão da divisão sexual das tarefas do lar, com participação do companheiro dessas mulheres nas atividades domésticas, a presença da empregada doméstica ainda se coloca como ponto central no processo de conciliação e delegação do cuidado nesses lares. Em contraste, Pizzinga (2020), ao analisar as vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas na pandemia da COVID-19 a partir do contexto de atividade dessa categoria, coloca que há uma convergência entre o padrão de vulnerabilidade com as desigualdades da própria sociedade brasileira, destacando a possibilidade das mulheres negras estarem mais sujeitas a vínculos menos estáveis e contextos informais, aumentando sua vulnerabilidade à crise econômica.

A apropriação e a exploração do corpo feminino sustentadas pela lógica de funcionamento do sistema capitalista têm íntima relação com a sobrecarga de

responsabilidades para as mulheres, resultante da atribuição de papéis sociais destinados à mulher no âmbito doméstico e do cuidado. Além disso, para as mulheres de classes sociais menos favorecidas - sujeitas a vivenciarem contextos de discriminação, violência e privação de direitos -, a vulnerabilidade, seja ela física, psicológica e/ou social, se associa a um conjunto de condições que culminam na restrição de oportunidades e afastamento de espaços, educacionais e/ou profissionais, ocasionando, por vezes, prejuízos na saúde, frustrações individuais e sofrimento psíquico que perpetuam pelo resto da vida.

Metodologia

É notável a oposição da produção que aqui pretende se desenvolver ao modo de fazer ciência que se diz neutro. O caminho metodológico se centrou na transformação das relações sociais de dominação e das condições materiais e psicológicas do trabalho - com o esforço de ser construída a partir do vínculo entre pesquisadora e participante, reconhecendo como aspectos fundamentais desta pesquisa a ética e a alteridade (Nogueira et al., 2017). A metodologia qualitativa adotada caracteriza uma prática investigativa comprometida, na qual se faz presente a minha implicação subjetiva, minhas atitudes e reflexões - localizando o papel de pesquisadora, assim como coloca Flick (2009), enquanto parte constituinte do processo de construção do conhecimento científico. Define-se este estudo, desse modo, enquanto uma pesquisa de cunho qualitativo e exploratório.

Zanella e Sais (2008) falam sobre o pesquisar em Psicologia enquanto processo de criação, enquanto ação ética, estética e política - uma prática complexa de busca por compreensões sobre uma realidade igualmente complexa. Instigam, ainda mais, a importância do olhar, do questionar e do problematizar. Nesse sentido, levar em conta as dimensões de uma prática de pesquisa comprometida, crítica e implicada é especialmente relevante considerando a delimitação do problema desta pesquisa a partir das vivências de um estágio de graduação. As escolhas metodológicas, assim como as perguntas que orientam esse estudo

revelam o meu lugar enquanto estudante e pesquisadora instigada a revelar a complexidade da divisão sexual do trabalho a partir da realidade de uma trabalhadora com a qual tive contato na referida ONG, local em que estagiei e lócus dessa pesquisa. A sensibilidade diante de uma nova realidade e o desejo de revelar as complexidades de um território relativamente pouco explorado, considerando os modos hegemônicos e tradicionais de fazer pesquisa com os quais tive contato, foram fundamentais para a constituição deste trabalho.

No intuito de se aproximar da realidade vivida por essa mulher e conhecer a sua trajetória laboral a partir do contato com as suas narrativas, o delineamento escolhido para dar conta de alcançar os objetivos propostos por essa pesquisa foi o estudo de caso, considerando sua caracterização, segundo Gil (2002), enquanto um estudo profundo e exaustivo que possibilita o conhecimento amplo e detalhado de um fenômeno dentro de seu contexto real, explorando situações da vida real nas quais os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Contexto e participante

A ONG está localizada no bairro do Roger, no Centro Histórico de João Pessoa - atua por meio de projetos educativos e atividades culturais que visam o desenvolvimento pessoal e a integração social de crianças, jovens e adolescentes. Sendo o território do Roger uma comunidade atravessada pela vulnerabilidade socioeconômica, esta procura estimular o potencial de expressão de crianças, adolescentes e jovens de baixa renda, atendendo prioritariamente os que vivem no território ao redor da instituição. Priorizando a transformação social através da arte, da cultura e da educação, mantém seu compromisso firmado, também, na articulação das lutas pela promoção e defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes.

A participante desta pesquisa é uma mulher, negra, mãe, trabalhadora e periférica. Antes de conhecer pessoalmente essa mulher que suscitou as inquietações orientadoras desta

pesquisa, já conhecia um pouco da sua história pelo que ela representa na instituição na qual aconteceu o meu estágio. A instituição manteve seu funcionamento no formato remoto durante a pandemia da COVID-19, período em que iniciei as minhas atividades enquanto estagiária. Houve o acompanhamento de demandas mais urgentes, considerando a vulnerabilidade das famílias que são atendidas pela instituição, e a realização de reuniões virtuais do núcleo gestor, das quais eu fazia parte. A participante deste estudo, apesar de não estar presente nesses momentos em que se deu início a minha participação na instituição, era sempre mencionada por estar envolvida em outras ações responsáveis por manter a instituição funcionando, mesmo com as atividades artístico-pedagógicas suspensas por conta da pandemia.

Com a volta das atividades presenciais, meu contato com a realidade dessa trabalhadora ficou mais frequente e todas as particularidades do seu contexto de trabalho se revelaram com mais fluidez. Logo nos primeiros contatos, essas nuances denunciaram a carga da desigualdade relacionada à distribuição dos papéis de gênero presentes na vida dessa mulher, com destaque àqueles ligados ao trabalho reprodutivo, despertando em mim inquietações - especialmente no sentido de pensar, junto com essa mulher, caminhos possíveis para subverter alguns desses atravessamentos. Além de mãe de educandos da instituição, ela é responsável pela cozinha e pela limpeza da instituição.

Procedimentos metodológicos e éticos

O percurso metodológico foi orientado pela história de vida que preza por um encontro entre pesquisador e sujeito marcado pela interação e pelo afeto, garantindo abertura e segurança para a narrativa. Preocupa-se com a construção do conhecimento a respeito do fenômeno a partir das interpretações e significações daquele que o vivencia - sendo alicerçado, principalmente, na escuta do relato da história de vida de alguém por meio de entrevistas não diretivas (Nogueira et al., 2017). Mesmo que produza dados importantes para

a construção de uma pesquisa, “o método possui determinados elementos constitutivos que o definem em sua identidade e proposta, sendo a experiência da construção de sentido um de seus pilares fundamentais” (p. 479). Sendo assim, vale pontuar o viés terapêutico que possui a entrevista orientada pela história de vida, diante não apenas da possibilidade de construção de sentido frente ao movimento de revisitar suas experiências, como também da escuta comprometida que o pesquisador se propõe a oferecer.

Procedeu-se então com as entrevistas abertas, a ideia era acessar o máximo possível de informações a partir da vivência da participante, a quantidade de vezes que foram necessárias para responder às questões que se propôs serem aqui respondidas. Desse modo, dentro dos limites instituídos tanto pelo prazo para realização da pesquisa, como pela realidade da trabalhadora, foram realizadas três entrevistas, com duração de pouco mais de uma hora cada, cujo conteúdo foi considerado como o suficiente para suceder com a análise. Com consentimento, foram gravadas e transcritas para facilitação da investigação.

Reconhecendo as nuances circunstanciais que vêm a surgir no momento de realização da pesquisa, foram realizadas algumas adaptações no percurso metodológico diante daquilo que foi se apresentando enquanto narrativa. A primeira entrevista foi orientada pelo relato livre da participante, a partir do que era considerado por ela como significativo, havendo poucas interferências quando as falas se afastavam daquilo que se pretendia investigar. Identificado o esforço para lembrar alguns acontecimentos e organizar a sua narrativa de vida, optei por conduzir a segunda entrevista a partir da construção de uma *linha do tempo*. A proposta foi acolhida pela participante com empolgação, durante a construção, o envolvimento entusiasmado era evidente, não apenas por revisitar sua história de vida, como também por vê-la se concretizando enquanto importante material de estudo. A última entrevista tratou-se da escuta do relato livre da participante sobre aquilo considerado relevante, mas ainda não tinha emergido das vezes anteriores. Também foram levantadas

algumas interrogações em vistas a garantir que algumas questões da pesquisa, ainda não respondidas, fossem esclarecidas. Findou-se diante da observação de repetições nas narrativas, tendo, portanto, as elucidações esperadas.

A observação participante também se fez presente como forma de aproximação, facilitando o acesso a situações e eventos difíceis de captar através, por exemplo, das entrevistas (Mónico et al., 2017). Reconhecendo a territorialização como ponto chave na vivência e na elaboração de sentidos sobre as trajetórias de vida e laboral dessa mulher, o acompanhamento das vivências dessa mulher no seu contexto de trabalho se mostrou de forma fulcral. Como forma de registros, foi utilizado o diário de campo, compreendido como um recurso que permite a apreensão dos significados das situações e dos elementos constituintes dos espaços nos quais ela está inserida (Oliveira, 2014).

Em termos institucionais e éticos, esta pesquisa foi feita com a aprovação do núcleo gestor da ONG, através do Termo de Anuência, e consentimento da mulher com quem se pretende construir a análise desse estudo, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, conforme as recomendações da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Análise dos dados: colocando em diálogo o campo e a teoria

Estruturada nos termos da Teoria Fundamentada, cujas suposições teóricas emergentes são formuladas em diálogo com o campo pesquisado, a Análise Comparativa Constante foi elegida, neste trabalho, como método de análise ideal por possibilitar, através dos dados coletados, o desvelar de categorias, também de relações entre o conteúdo destas, sobre a realidade através da qual eles se construíram e na qual são manifestados. De forma mais específica, trata-se de um método pautado na comparação das codificações produzidas pela análise dos dados, em termos das características, dos elementos e das relações desse

material. A síntese desse processo diz respeito à elaboração de uma teoria substantiva e fundamentada nos dados. Tal conhecimento teórico é constantemente comparado com outros vários elementos significativos para uma apreensão do movimento real dos dados, não apenas com eles em si. s (Petrini & Pozzebon, 2009; Cassiani, et.al., 1996; Glaser & Strauss, 1967)

Desse modo, é uma análise pautada na operação constante de comparar dois ou mais elementos - em processos que são apresentados em encadeamento circular e interdependente -, definidos com base nas fontes de dados utilizadas em coerência com o delineamento metodológico adotado. No caso desta pesquisa foram as narrativas das entrevistas, trechos dos relatos do diário de campo, notas das observações feitas em contato com o campo e os conceitos da fundamentação teórica. Podendo ser definida a partir de, principalmente, dois processos, a Análise Comparativa Constante envolve os momentos de Codificação e, posteriormente, de construção da Teoria Fundamentada. Descritas a seguir, as três operações referentes à Codificação devem ser compreendidas não como etapas distintas e temporalmente separadas, mas como formas diferentes de tratar os dados.

A codificação aberta se refere a um primeiro contato com o material escrito, envolvendo uma leitura flutuante e extensiva, comparações mentais entre elementos, buscando revelar as relações entre esses - grifos e anotações no texto, são exemplos de operações realizadas. São propiciados por essa codificação a identificação e o desenvolvimento das características e dimensões dos conceitos, na medida em que são executados dois procedimentos analíticos básicos para a precisão e especificidade desses: a comparação e o questionamento. A segunda operação, de codificação axial, se refere à busca de sistematizar e organizar a teoria, aprimorando e diferenciando as categorias resultantes da codificação aberta. São colocadas como fenômeno central as categorias mais relevantes em busca de identificar a rede de relações entre os elementos, para a construção de uma narrativa científica. A codificação seletiva, ou teorização, trata-se da terceira e última operação, na

qual são refinadas as categorias, integrando-as em uma narrativa, em nível mais abstrato. O objetivo é distanciar-se da aparência e aproximar-se da essência dos fenômenos, ao passo que se desvela a categoria essencial, aquela através das quais as categorias são agrupadas e pelas quais são integradas. É a partir da categoria essencial que se integram todos os elementos da teoria, é preciso, portanto, esclarecer o as relações entre os dados sobre a realidade investigada e a teoria originária (Glaser & Strauss, 1967).

As categorias emergentes do processo de Codificação organizam, orientam e intitulam os tópicos da discussão que se segue. Por fim, é elucidada e lapidada a teoria fundamentada nos dados, elaborada a partir do processo analítico de especificação do fenômeno e das condições para a sua manifestação e suas consequências, e atenta aos dados da realidade, sem se desprender do conhecimento científico já produzido.

Resultados e discussão

Com empenho, a escrita que se segue foi construída no intento de aproximar o leitor da realidade da entrevistada. A narrativa contempla falas e palavras que se materializam da mesma forma como foram ditas; alguns erros ortográficos e gramaticais são mantidos, conferindo maior realismo à história, preservando a sua construção linguística e a sua prática expressiva. Além disso, também para manter - em concordância com a ética em pesquisa - o seu anonimato e o sigilo dos seus relatos, os nomes fictícios daqueles que se fazem presente na sua história, foram por ela atribuídos. São eles: Janiele, seu nome; Vera, sua mãe; Bernardete, sua avó; e Beto, o pai dos seus quatro filhos.

As narrativas e as análises posteriormente descritas são, desse modo, estruturadas em termos próximos ao que foi - e como foi - trazido por essa mulher. Não se pretende falar por Janiele, mas fazer com que seja escutada a sua história, em conformidade com o que pressupõe a pesquisa acadêmica. Assim, de início, desenvolve-se uma narrativa com intenção de contextualizar as principais nuances que se manifestaram nas entrevistas. Em seguida, as

falas são analisadas à luz do referencial teórico que orienta este trabalho. Por fim, serão construídas teorizações fundamentadas na realidade concreta dessa mulher.

De onde fala Janiele?



Imagem 1. Ilustração feita pela autora inspirada pelo trecho da entrevista com Janiele: “Onde a gente morava, não tinha água. Mãe ia pegar e a gente ia ajudar. Enchia os *baldinho*...”

Nascida no ano de 1978, Janiele, como conta entusiasmada, já veio ao mundo facilitando o trabalho daqueles que a circundam. Sobre o seu nascimento: o trabalho de parto, tamanha rapidez e precipitação, aconteceu na escadaria de uma maternidade pública da cidade, cuja facilidade fez com que, ao longo de sua vida, sua mãe ecoasse “*teria dez de você*”, fazendo-a sentir orgulho de sua trajetória desde que esteve em contato com o mundo pela primeira vez: “*eu fui muito boa pra nascer!*”. Mesmo considerando a força e o decoro que perpassam o sentimento diante do seu nascimento, as condições materiais que estiveram presentes desde não apenas o seu parto, mas também a sua concepção, são marcadas por falta de assistência e de acessibilidade a direitos básicos e circunscrevem, até a sua vida adulta, suas experiências. Sobrecarga de trabalho perante a sua posição enquanto mãe solo, afastamento dos estudos formais para dar conta de serviços domésticos, adversidades em

termos de moradia, segurança e alimentação - seus relatos trazem, com clareza, como a dificuldade financeira engendra sua construção subjetiva.

Desde muito nova, tem seus ouvidos atentos aos relatos de violência doméstica, trazidos pela sua mãe, Vera, e pela sua avó, Bernadete, com quem morou durante toda a sua vida. A relação com sua avó, já falecida, foi sempre permeada por bastante identificação. Traz consigo a lembrança: *“A minha avó era a dona da casa e eu sempre ajudei muito ela, ela dizia: ‘essa menina puxou a mim, trabalhadeira, esforçada’”*. Mãe de 16 filhos, Bernadete teve sua história marcada por uma relação conflituosa e violenta com o avô de Janiele, envolvendo o uso abusivo do álcool e a prática constante de agressão e ameaças por parte dele. Mesmo diante da desassistência financeira e das agressões físicas e afetivas, não apenas consigo, mas com os seus filhos, Bernadete não nutriu um relacionamento com outro homem e ainda comunicava *“mesmo sofrendo muito, eu não tenho raiva dele”*, conta Janiele. Sua avó enfrentava as condições precárias produzindo artesanalmente painéis de barro, cuja venda sustentava, minimamente, as crianças, acrescenta: *“era uma vida bem sofrida”*.

Crescida acompanhando essa trajetória, sua mãe, ao longo da vida foi, nas palavras de Janiele: *“tentando ver se conseguia ser feliz no amor”*, e acrescenta: *“mas nunca foi”*. Ainda relembrando a trajetória de Vera, conta: *“minha mãe teve nove filhos, cinco mulheres. Ela sempre foi muito trabalhadeira”*. Seus filhos percorreram caminhos diferentes. Um deles está preso atualmente. O outro é professor em diferentes escolas. Janiele cuidou de todos eles. É originária de muito orgulho a narrativa de que ajudou sua mãe, junto com sua avó, a criar seus irmãos desde seus sete anos de idade: *“mãe tinha filho um atrás do outro e cuidei dos meus irmãos tudinho. Desde sete anos eu já fazia as coisas de casa, dava banho nos irmãos, cuidava da comida, fazia tudo”*.

O histórico de frequentes agressões sofridas pela sua mãe não era apenas pauta das conversas cotidianas, repercutiu na sua história tendo o seu nascimento documentalmente

registrado sem o nome do seu pai, explica: *“de tanto sofrimento, porque ele era muito agressivo. Deixou ela com quatro filhos, não cuidou de nenhum, não dava nem assistência”*. Acrescenta, ainda: *“mas mãe ajudou ele bastante”*. Vivenciou Vera sendo vítima de violência do seu pai, mas também daqueles que estiveram em sua vida posteriormente. Diferentemente de Bernardete, Vera conseguiu um trabalho regularizado no qual esteve durante 30 anos, até a sua aposentadoria, em uma empresa de limpeza urbana. Seu dinheiro sempre ajudou na construção da vida dos seus filhos e, até hoje, constitui a renda familiar de Janiele, uma vez que continuam morando juntas. A moradia conjunta é significado de apoio financeiro e, especialmente, afetivo. Vera esteve presente nos momentos mais difíceis da vida de Janiele, fazendo questão de mostrar que ela não estaria sozinha, como afirma: *“eu sempre morei com mãe, ela sempre me ajudou. Eu ajudava ela e ela me ajudava”*.

Bernardete e Vera, como conta Janiele, mesmo diante tamanho sofrimento, ajudavam, com satisfação, os pais dos seus filhos quando precisavam. Ainda que haja o peso simbólico de serem os pais dos seus filhos e o inevitável vínculo que permeia o amparo oferecido por essas mulheres, outras várias pessoas - sejam familiares ou amigas - diante de suas respectivas necessidades, puderam confiar em sua benevolência. Ser apoio emocional, psicológico e afetivo para outras pessoas era, e ainda é, prática ordinária entre Janiele, Vera e Bernardete. A influência das mulheres com quem foi construindo sua história é flagrante nas experiências de Janiele. Com muita transparência, a capacidade de ser compreensiva permeia os momentos da sua vida. Revela: *“eu não consigo sentir raiva, não guardo mágoa de ninguém, eu queria que todo mundo vivesse bem”*. Da mesma forma através da qual se referiu à história de Vera e de Bernardete, reflete, ao ser solicitada para contar sua história: *“eu tive quatro filhos, mas sempre fui trabalhadeira. Eu sempre fui me virando”*.

“Eu sempre fui assim, mãezona”: A vida, o cuidado e o tornar-se mulher adulta

Pontua-se, de imediato, que, assim como a divisão sexual do trabalho, os papéis sociais não são acidentais - devem ser entendidos em termos das relações sociais de poder (Holmstrom, 2014). A esse respeito, Silvia Federici (2017) é enfática ao discutir sobre como o modo de produção capitalista é favorecido pela exploração do trabalho destinado às mulheres, o *trabalho reprodutivo*, que veio a ser transformado em *tarefas domésticas* a partir do fim da Idade Média. Referem-se àquelas tarefas ligadas à reprodução da força de trabalho - execução das funções do lar, cuidado com as crianças e com a alimentação, por exemplo -, cuja construção foi feita como sendo um *trabalho improdutivo*, na medida em que recebia um valor inferior ao *trabalho produtivo*, apesar de ser fulcral na geração de riqueza e obtenção de lucro (Federici, 2017). Não foi a partir do capitalismo que a subordinação das mulheres surgiu, entretanto, “*longe de ser acidental, o sexismo está entranhado em sua própria estrutura*” (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019, p. 52).

Hoje, com 44 anos, Janiele não tem, em sua memória, precisão nos detalhes sobre a sua infância. Cuidar de todos os seus irmãos desde os sete anos é a principal narrativa que surge, não só com detalhismo, mas com honradez, quando se coloca a pensar sobre sua trajetória. Morou no mesmo bairro durante toda a sua infância. Das poucas coisas que recorda, a ida ao riacho com a família e pessoas da vizinhança é uma delas. Não tinham água nem energia em casa, iam para pegar água, com a ajuda de baldes, lavar roupas e louças. Recorda que gostava de fazer isso, mesmo reconhecendo o cansaço recorrente. A ida à feira, aos sábados de manhã, acompanhada da família e de um carrinho de mão, para comprar as coisas mais baratas, é lembrada da época em que ainda tinha 10 anos de idade. É com muita leveza que as recordações surgem para Janiele, inclusive quando levada a refletir sobre o trabalho do cuidado: “*sempre gostei, sempre cuidei dos meus irmãos. Sempre fui assim,*

mãezona”. Reconhece, ainda assim, enquanto trabalho os seus cuidados com os irmãos e com a casa, além de sua dedicação aos afazeres familiares - como a ida ao riacho e à feira.

Sobre a não valorização e a consequente exploração do trabalho reprodutivo, considera-se como central o entendimento de que “*a divisão sexual do trabalho foi, sobretudo, uma relação de poder, (...) ao mesmo tempo que um imenso impulso à acumulação capitalista*” (Federici, 2017, p. 232). O que se encontra materializado, ainda nos dias atuais - sendo explicitado, de forma clara, na história aqui narrada -, são os efeitos materiais e psicológicos expressos nas histórias de vida de mulheres - em particular, das negras e periféricas - da exploração do trabalho feminino. No entanto, ainda tecendo considerações sobre o trabalho reprodutivo, a partir do que pontua Sanches (2009), vale salientar que o trabalho doméstico mantém e garante a reprodução da vida e, portanto, da força de trabalho, ainda que não gere, de forma direta, serviços e produtos para o mercado. Sendo assim, “*não haverá trabalhadores e trabalhadoras para apresentar-se ao trabalho e retornar a ele caso o trabalho doméstico não seja realizado*” (Sanches, 2009, p. 884).

Ainda jovem, vivenciou, junto com sua mãe, um processo judicial relacionado à guarda de uma de suas irmãs mais novas. Por conta da dificuldade financeira, além da falta de tempo por conta do trabalho, Vera precisava deixar uma de suas filhas, ainda bebê, com a tia - irmã do pai dos seus filhos. Com o passar do tempo, a tia optou por enfrentar na justiça a luta pela guarda, por alegar ter nutrido grande afeto durante o processo do cuidado. Pouco tempo depois, Vera teve mais dois filhos. Janiele, sempre muito envolvida no trabalho do cuidado, se dedicava bastante para tomar conta das crianças. O tempo dedicado ao cuidado se intensificou após o ocorrido, principalmente pelo medo que aquilo voltasse a se repetir. Por conta do tempo exigido do trabalho da sua mãe, Janiele precisava dar conta das demandas da casa. Ainda na escola, muitas vezes, Janiele precisava escolher entre ir assistir aula ou ficar cuidando dos seus irmãos.

Quando estava com mais ou menos 17 anos, sua vida foi marcada por algumas significativas mudanças. Sua família saiu do bairro no qual passou toda a sua infância e início da juventude, para a casa em que moram atualmente - situada em uma comunidade periférica. A casa foi financiada com a ajuda de uma freira, sensibilizada com o sofrimento de Vera decorrente da violência doméstica e das situações em que era expulsa de casa junto com seus filhos, pelo pai das crianças. Hoje, o pagamento, como recorda Janiele, foi concluído depois de muito trabalho e suor. Nesse período, Janiele continuou os estudos e, mesmo com dificuldade por conta do acúmulo de funções, concluiu o ano escolar. Passou-se pouco tempo até que precisaram fazer novamente uma mudança para um novo bairro, após Vera dar início a um novo financiamento, dessa vez, de um imóvel popular em seu nome. Aqui, Janiele teve sua primeira experiência de trabalho fora de casa. Para ajudar a compor a renda da família, trabalhava com limpeza e organização de um mercadinho. Trabalhava pela manhã e estudava durante à tarde. À noite, auxiliava nos serviços domésticos.

Sobre a diferença de poder entre homens e mulheres a partir da divisão sexual do trabalho, Federici (2017) aponta: *“o ocultamento do trabalho não remunerado das mulheres por trás do disfarce da inferioridade natural permitiram ao capitalismo ampliar imensamente a ‘parte não remunerada do dia de trabalho’”* (Federici, 2017, p. 232). Acrescenta ainda, sobre a nova ordem patriarcal que engendra o funcionamento capitalista, que a divisão sexual do trabalho não impõe somente uma diferenciação de tarefas que deveriam ser realizadas nas esferas produtivas e reprodutivas, mas também diferencia, entre homens e mulheres, suas experiências e suas vidas (Federici, 2017). Em se tratando disso, o relato de Janiele é paradigmático. Decorridos dois anos que Janiele esteve com sua rotina ocupada, nos três turnos, articulando estudo e trabalho, seguido de um processo na justiça que resultou na perda do imóvel popular em que residiam, a família voltou para a casa financiada com a ajuda da freira, na qual residem desde então. Foi quando Janiele deixou de ir para a

escola pela primeira vez e se manteve dedicada ao cuidado com a casa e com as crianças. Ela relembra: *“de tanto mãe ter menino, chegou uma época que ou eu estudava ou eu cuidava da minha irmã. Mãe trabalhava, saia de cinco horas da manhã. Minha irmã pra cuidar, bebê de braço. E ela grávida”*, lamenta: *“nessa época eu era nova, eu não queria deixar de estudar”*.

Pouco depois de ter completado 18 anos de idade, Janiele se matriculou, como aluna, em um centro de arte e cultura localizado próximo à sua casa - cuja instituição será, no futuro, o seu local atual de trabalho. Foi nesse ambiente que conheceu Beto, o pai dos seus quatro filhos. Rapidamente, ainda com 19 anos, engravidou do seu primogênito. Nesse período, não estava trabalhando e deixou de frequentar as aulas no centro de arte e cultura; por um bom tempo, se dedicou somente aos cuidados da sua gravidez e deu continuidade ao que fez desde criança - mantendo os cuidados com a casa. Voltou para a escola, ainda na tentativa de concluir seus estudos. Para cuidar da recuperação de Beto, que se envolveu em uma situação de violência por conta do alcoolismo, deixou de ir para a escola pela segunda vez, e agora, só retornaria perto dos 40 anos.

Paralelamente, engravidou da sua segunda filha, mantendo-se mais dedicada ao trabalho do cuidado. Santos (2014) reflete sobre a realidade de trabalho das mulheres da classe popular. Fazendo parte da classe trabalhadora precária, essas mulheres se deparam com possibilidades praticamente inexistentes de trabalho. A autora conclui: *“na ausência de uma ocupação a seu alcance, algumas terminam por encontrar sua razão de ser na função materna; outras o fazem por não haver possibilidade de delegação do cuidado”* (Santos, 2014, p. 479).

Depois de algum tempo longe dos estudos formais e dedicada somente ao cuidado com a casa e com as crianças, suas experiências no mundo do trabalho produtivo começaram a ser intensificadas. Diante da necessidade financeira, Janiele começou a realizar faxinas, serviço que a mantinha ocupada durante o dia. À noite, cuidava da sua casa, dos seus irmãos

e do seu filho. Mais uma vez, tem seus três turnos diários ocupados com o trabalho reprodutivo. Aqui se colocam como essenciais algumas considerações tecidas por Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), sobre as novas configurações da divisão sexual do trabalho. Colocando a mulher como responsável pelo espaço privado, tendo, em contrapartida, o homem como responsável pela esfera pública, confere-se às mulheres a prática do trabalho - gratuito e invisível - de administração e coordenação das atribuições do lar, além do cuidado e da educação dos filhos, ao passo que esse é entendido como dever materno. De forma ainda mais complexa, a externalização do trabalho doméstico, com a delegação do cuidado a outras mulheres, funciona como máscara para o fenômeno social de aumento do número de mulheres em profissões de nível superior em paralelo à dependência destas em relação a mulheres que se encontram em situação de vida mais precária (Hirata & Kergoat, 2007). A história de vida de Janeile materializa, portanto, como um exemplo emblemático de todos os atravessamentos dessa estrutura de exploração do trabalho feminino.

Mesmo nunca tendo firmado o relacionamento com Beto, Janiele não se relacionou com outra pessoa além do pai dos seus filhos. Beto, por outro lado, se envolve com outras mulheres, tendo filhos com algumas delas. A relação é marcada por um histórico de brigas e tentativa de ‘dominação’ por parte dele, como conta Janiele. Ela, mesmo compreendendo como errada a postura dele, lamenta: *“eu também não quero ninguém, eu me acostumei”*, acrescenta ainda: *“ele nunca muda e nunca sai da minha vida”*. Constrói-se, nesse ponto, uma crítica essencial a partir da perspectiva, até então discutida, das atribuições dos contextos produtivo e reprodutivo por, respectivamente, homens e mulheres.

Tratando da modernização ocidental, Santos (2014) fala sobre uma normatização das famílias da classe trabalhadora. Baseada em uma divisão dos papéis através da qual o homem é o chefe de família e a mulher, dona do lar, a organização familiar dos pobres se estrutura para alcançar um projeto familiar conjunto (Santos, 2014). Porém, de forma mais

preocupante, é o que se concretiza na vida da mulher que exerce o papel de mãe solo - “*O pai dos meus meninos sempre tá presente, sendo que ele nunca morou comigo*”, é o que traz Janiele sobre sua realidade. O ‘estar presente’ se refere mais à busca por ajuda financeira do que à ligação afetiva com os seus filhos - “*Eu ajudo ele. A gente se dá bem, só que meus menino não gosta dele*”. Janiele, tendo seu tempo dedicado à administração de tudo que é demandado pelo trabalho do cuidado, teve como efeito o afastamento dos estudos formais e a inserção em trabalhos informais e precarizados.

Janiele engravidou de Beto pela terceira vez quando os seus primeiros filhos tinham oito e quatro anos. A terceira gravidez não foi fácil. A angústia em criar os filhos sozinha, além de não ter uma renda estável, nem condições materiais para sustentar mais uma criança, fez com que Janiele, apesar da culpa, passasse por uma tentativa de aborto. “*Onde cria um, cria dois*”, foi o que ouviu de Vera, quando ela descobriu. Relembra das constantes crises de choro e de como o apoio da mãe foi essencial nesse momento - “*ela sempre me fortaleceu*”. A gestação, apesar de difícil, se concluiu. Nasceu, assim, o seu terceiro filho. Logo em seguida, ainda em busca de renda para complementar o salário da sua mãe que, cada vez mais, não era o suficiente para sustentar a família que estava crescendo, montou um fiteiro próximo à sua casa. Mesmo depois de um acidente com a queda do fiteiro, no qual precisou fazer uma cirurgia na mão por ter tentado segurá-lo, montou novamente na tentativa de amenizar as condições financeiras desfavoráveis. Foi à falência e não voltou a montar novamente.

Quando o seu filho mais novo completa 3 anos de idade, Janiele engravida novamente de Beto. Nasce, então, o seu quarto filho. Lembra da inquietação diante da facilidade que tinha em engravidar e da preocupação frente à necessidade de sustentar todas as crianças sozinha. Foi assim que decidiu, no momento da cesárea do seu filho mais novo, fazer a cirurgia de ligação das trompas. Além da dificuldade financeira acentuada com a necessidade

de se dispor de condições materiais para mais um bebê crescer e se desenvolver, Janiele recorda da aflição ao precisar gerenciar, em prol de quatro crianças, sua função materna, como ter que dar de mamar, ao mesmo tempo, a duas delas. Chegava a passar mal, chorando tamanha agonia e cansaço, quando havia agitação devido à disputa pelo leite materno entre as duas crianças que ainda amamentavam. Durante certo período, sua renda era proveniente de serviços eventuais de comércio e de faxina. Ainda em relação a sua saúde, posteriormente chegou a ter sinovite, problema inflamatório de acúmulo de líquido na articulação do joelho decorrente de sobrecarga de atividades. Mesmo com indicação médica de cirurgia, optou pelo tratamento com os medicamentos e a realização constante de punção para retirada de líquido - *“de tanto eu correr no meio do mundo”*.

Um resgate ao contraponto feito entre os estudos de Coelho et al. (2018) - com as catadoras de materiais recicláveis - e de Vieira e Amaral (2013) - com as mulheres de classe média que conciliam as funções entre trabalho, estudos e família - se coloca como pertinente para refletir sobre a trajetória de Janiele no processo de tornar-se mulher adulta e, especialmente, tornar-se mãe. Além da dificuldade financeira, a experiência de Janiele é atravessada por partos difíceis - *“Eu fui muito boa pra nascer. Os meus é que não foram!”*; pela condição de criar os filhos sozinha - *“Foi um sufoco, viu?”*; por uma tentativa de aborto - *“Eu achando que não tinha condição de cuidar”*; e pela dificuldade com o processo de amamentação - *“Aí eu ficava passando mal, eu ficava com agonia, de tanto amamentar”*.

As mulheres de classe média, além de se sentirem gratificadas com a conciliação entre trabalho e estudo, apontam como fundamentais nesse processo o apoio das empregadas domésticas e dos seus maridos, tanto nas atividades de casa, como em termos emocionais (Vieira & Amaral, 2013). Em contrapartida, as catadoras de materiais recicláveis apontam, além da falta de apoio do companheiro, para a sobreposição de papéis socialmente femininos e o cumprimento de duplas jornadas de trabalho, ocasionando em sobrecarga (Coelho et al.,

2018). Janiele, quando reflete sobre o que é ser mulher, conclui: “*Tem umas que são sozinha, ela e Deus*”.

Com os quatro filhos já crescidos, começou a trabalhar com faxina e cozinha em uma escola, o que despertou a vontade de, finalmente, voltar aos estudos. Dessa vez, foi para a escola até concluir o ensino médio. Durante dois anos, trabalhava na escola pela manhã, nos serviços domésticos na casa da dona da escola durante a tarde, e ia para a escola à noite, onde estudava e vendia pipoca e bombons. Posteriormente, começou a trabalhar no centro de cultura e arte no qual já tinha sido aluna, onde seus filhos são matriculados e seu irmão é professor. Realiza, até o presente momento, serviços de limpeza, organização e manutenção da instituição.

Até hoje exerce, com muito gosto, o trabalho do cuidado. Cuida de todas as funções relacionadas ao cuidado das crianças e adolescentes da sua família. Atualmente, mãe de quatro e avó de dois, mora com sua mãe e seus dois filhos mais novos. Hoje em dia, Janiele acorda cedo para assegurar que estejam em ordem todas as condições para que os mais novos possam ir à escola. Pela manhã, os chama para levantar da cama, enquanto prepara o café, serve a mesa, separa as roupas e confere se os materiais estão na bolsa: “*pronto, eles vão pra escola, eu fico ajeitando a casa e o almoço*”. Também ajuda os mais velhos, seja preparando a comida, seja levando os netos para a creche. Também faz algumas faxinas eventuais, quando aparecem. Reflete sobre os seus dias com agrado: “*é assim minha rotina, muito chique, né? Eu gosto muito!*”.

“Eu tinha que correr contra o tempo”: O estudo em face do trabalho reprodutivo e produtivo

“*Eu nunca fui carteira assinada*”, é o que reflete Janiele sobre a sua trajetória no mundo do trabalho. Uma vez compreendida a centralidade da reprodução social, se reconhece que há um grande contingente de trabalho que reproduz, de forma gratuita, a mercadoria mais

importante do capitalismo. Desse modo, por ser gratuita a sua reprodução, a força de trabalho fica mais barata, o que garante a extração de mais valor pelos capitalistas. Eis aqui a gênese da exploração das mulheres.

O capitalismo não inventou a subordinação das mulheres, mas opera em função de outros modelos modernos de sexismo - sustentados pelas novas estruturas institucionais (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019). Os efeitos disso são evidentes nas experiências de vida, principalmente, das mulheres negras e pobres da classe trabalhadora, como é o que se percebe no que se segue sobre a história de vida de Janiele. O entrecruzamento daquilo que se coloca enquanto condição diante do lugar em que se situa essa mulher - negra, periférica, mãe e trabalhadora -, como a grande quantidade de tempo e de energia que foi demandada no cumprimento de funções relacionadas ao trabalho reprodutivo, o afastamento dos estudos formais e a inserção em trabalhos precários e não regulados, é o que se observa, em síntese, na narrativa que se segue.

Quando criança, Janiele recorda de não ter deixado de frequentar a escola: “*eu sempre estudei, só que eu era sempre reprovada*”, e acrescenta: “*minha mãe trabalhava, aí eu cuidava dos meus irmãos e ia pra escola*”. Quando mudou de bairro pela primeira vez, na sua juventude, continuou indo para a escola à tarde, mesmo havendo sobrecarga de trabalho doméstico por precisar tomar conta da casa e dos seus irmãos pela manhã e durante a noite, para ajudar sua mãe que estava no trabalho. Com mais ou menos 17 anos, ainda não tinha concluído o ensino fundamental. Os choros e as lamentações eram frequentes por conta das reprovações na escola, especialmente frente ao sentimento de incapacidade de aprender e por internalizar discursos a ela direcionados de que não conseguiria dar continuidade aos estudos. Considerava-se ‘burra’. Reconhecia, por outro lado, quão cansativa era sua rotina. Com esforço e determinação, se manteve na escola até que concluísse o ano em que estava matriculada. Com clareza, relembra consigo, “*eu nunca baixei a cabeça, nunca desisti*”.

A partir do que Marx elabora sobre a acumulação primitiva, tem-se compreensão sobre a separação dos trabalhadores dos seus meios de produção e de sobrevivência, resultando na necessidade de venda da sua força de trabalho. São as feministas que apontam novas direções com base em tal perspectiva, trazendo a defesa de que “*contrariamente ao entendimento tradicional, o que produz a classe na sociedade capitalista não são apenas as relações que diretamente exploram a ‘mão de obra’, mas também as relações que a geram e a repõem*” (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019, p. 54). Assim, não só o trabalho passa a ser a mercadoria mais importante do sistema capitalista, como as mulheres, na execução do trabalho na esfera doméstica, estão por trás da reprodução dessa mercadoria.

Tecendo, com esta análise, considerações embasadas nas conceituações da Psicologia Social do Trabalho (PST) que, na gênese das suas experiências fundadoras está “*a realização de pesquisas e de intervenções engajadas nas lutas dos trabalhadores pela transformação das relações sociais de exploração e das condições materiais de trabalho*” (Ribeiro et al., 2017, p. 106), é basilar tratar a categoria do cuidado conectada à realidade macroestrutural, e não meramente no campo da individualidade (Passos, 2016). De forma crítica, se constrói aqui uma análise aliada à denúncia da gênese da exploração para que, assim, seja facilitada a possibilidade de formular os manejos dos atravessamentos subjetivos, em vistas do bem-estar - não só individual, como também coletivo.

Quando a família de Janiele se mudou novamente, para um outro bairro, pouco tempo depois da mudança anterior, Janiele teve sua primeira experiência de ganhar dinheiro através do trabalho - para ajudar a compor a renda da família, o dinheiro proveniente do trabalho de Vera não estava sendo suficiente para sustentar os seus nove filhos. O seu novo trabalho tratava-se de um serviço eventual, não regular, ou, como ela mesmo intitula, um ‘biscate’. A esse respeito, se coloca como basilar a reflexão crítica sobre uma sociedade estruturada no acúmulo de riquezas em paralelo à exploração da força de trabalho, em vista disso, como

afirma Castro (2021), “*o capitalismo depende da pobreza para existir, pois são as condições de penúria, que levam um indivíduo a aceitar trocar sua força de trabalho por um salário miserável*” (p. 9).

Oferecido por uma conhecida, o trabalho de Janiele era realizado em um mercadinho, que também era a casa dos donos. Ela fazia ambos os serviços, recorda que “*fazia mil e uma coisas*” - desde matar, cortar e vender galinha, organizando também as coisas do mercadinho, até cuidar dos filhos, cozinhar e fazer faxina na casa dos donos. Acordava antes das cinco da manhã e trabalhava todos os dias da semana. O dinheiro, no entanto, era incerto. Os donos do mercadinho pagavam o que podiam. Mesmo com todas as mudanças e movimentações, Janiele não interrompeu os estudos. Nesse novo bairro, apesar do novo trabalho, continuava indo para a escola, que ficava localizada em um bairro distante. Trabalhava pela manhã e estudava durante a tarde. Quando chegava em casa, ajudava a cuidar da sua casa e dos seus irmãos. Tinha os seus três turnos ocupados por precisar administrar a necessidade de ganhar dinheiro, de concluir os estudos e de cuidar da casa.

Sobre a estrutura social a partir da qual emerge não valorização do trabalho reprodutivo, fazendo recair sobre aquelas que o realizam os efeitos impiedosos da posição de subordinação na qual são colocadas, Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), pontuam:

Como o capital evita pagar por esse trabalho, na medida do possível, ao mesmo tempo que trata o dinheiro como essência e finalidade supremas, ele relega quem realiza o trabalho de reprodução social a uma posição de subordinação - não apenas para os proprietários do capital, mas também para trabalhadores e trabalhadoras com maior remuneração, que podem descarregar suas responsabilidades em relação a esse trabalho sobre outras pessoas. (p. 52-53).

Quando Janiele deixou de ir para a escola pela primeira vez, ainda sem ter concluído o ensino fundamental, estava em um momento da sua vida em que era recorrente a necessidade

de tomada de decisão entre ajudar no cuidado dos seus irmãos ou ir para a escola. Com dois irmãos ainda bebês, sem querer que a família passasse pelo ocorrido com o processo judicial de guarda de uma de suas irmãs mais novas, se manteve dedicada a ajudar sua mãe nos afazeres domésticos e no cuidado das crianças. Retornou para a escola, poucos anos depois, com o seu primeiro filho ainda pequeno, levando-o algumas vezes para as aulas.

Ela relembra de assistir aula junto com outras crianças, já que estava atrasada por conta das reprovações, e de gostar de estar naquele ambiente. Esteve na escola por mais ou menos um ano até que, com pouco mais de 20 anos, deixou de ir pela segunda vez e não retornaria até estar próxima aos seus 40. Além de ter sido o momento que a deixou afastada dos estudos por mais tempo, a razão para o acontecido a deixou “muito abalada”, como rememora. Beto fazia uso abusivo do álcool e se envolveu em uma confusão. Quando Janiele comentou que o rapaz estudava na mesma escola que ela, Beto foi até lá e a discussão resultou em Beto sendo alvo de três tiros na porta da escola de Janiele. Ela ficou responsável por cuidar da sua recuperação, recorda não ter tido condição de concluir o ano escolar. Foi nesse período que engravidou pela segunda vez. Com duas crianças para criar sozinha, com a casa sob sua responsabilidade, Janiele ficou quase 20 anos longe da escola.

As ponderações sobre o afastamento de Janiele dos estudos formais se colocam como relevantes ao passo que essa circunstância, como se observa na sua história de vida, fez com que sua trajetória no mundo do trabalho se concretizasse através de vínculos empregatícios frágeis e desprotegidos. As considerações de Montali (2012) sobre as desigualdades de gênero no mercado de trabalho vão no sentido de não só localizar em sua base a divisão sexual do trabalho, como também apontar para as suas manifestações, diferenciadas por sexo, como as restrições impostas pelo mercado de trabalho e as restrições impostas pelas atribuições domésticas. Desencadeamentos representativos dessa estrutura são, para aquelas que se localizam em sua base, a maior precariedade no trabalho e menor acesso a ocupações

de qualidade. Ainda explicita que esses desencadeamentos, aliados a determinados arranjos domiciliares - aqueles cuja organização é centrada na maior carga, para as mulheres, de atribuições familiares e domésticas-, afetam as possibilidades de superação da pobreza (Montali, 2012).

Apesar de uma trajetória dificultosa com os estudos formais, Janiele trata o ensino com muita importância, além de ter se dedicado com muito empenho, dentro dos seus limites, tanto psicológicos como materiais, para cumprir com aquilo que se espera em relação à escola. Recorda: *“Botava na cabeça que eu não ia desenvolver, porque fui ficando mais velha, né? Mas aí depois eu disse: “não!”, aí botei pra estudar de novo, com filho e trabalhando”*. Quando criança, nunca deixou de frequentar as aulas. Na juventude, mesmo com todas as movimentações, continuou se esforçando para dar continuidade aos estudos. Mesmo que tenha precisado deixar a escola duas vezes, por motivos que iam além da sua vontade e do seu controle, recorda do seu caminho no ensino formal com muito orgulho e entusiasmo. Relembra, com felicidade, das vezes que incentivou suas amigas a concluírem seus estudos, aquelas que ainda estavam na escola, mas que achavam que não conseguiriam. Chegando a conseguir terminar o ensino médio, depois dos 40 anos, tem o esforço de passar para os seus filhos a importância de seguirem a vida pelo caminho da educação.

Nos mais de vinte anos em que ficou afastada da escola, se dedicando, principalmente, ao trabalho do cuidado, Janiele teve algumas experiências no mundo do trabalho diante da necessidade de ajudar a compor a renda da sua casa. Ela relata, ao refletir sobre os serviços eventuais de faxina, que começou a realizar através de indicações: *“necessidade, minha filha. Eu tive que fazer faxina... Pra poder complementar em casa”*. Seu dia era dedicado às faxinas; durante a noite, enquanto sua mãe estava trabalhando, cuidava da casa, dos irmãos e dos filhos - *“dava de comer pra tudinho, botava mais no prato”*. Algumas noites, acompanhava sua mãe no trabalho - *“quando dava pra mim, levava os meninos e ia”*.

Iam juntas realizar o serviço de limpeza urbana na empresa em que Vera trabalhava. Janiele não recebia dinheiro para realizar esse trabalho, o fazia para ajudar a mãe e para acompanhá-la na volta para casa, uma vez que tinha medo de voltar sozinha durante a noite. Um estudo referente à realidade de trabalho das mulheres que precisam conciliar as esferas produtivas e reprodutivas do trabalho aponta como efeito *“uma grande sobrecarga de trabalho e dificuldade na conciliação das responsabilidades familiares e profissionais”* (Guiginski & Wajnman, 2019, p.4).

Foi no mesmo período em que teve o seu terceiro filho que deu início a sua terceira tentativa de obtenção de renda. Conta, com entusiasmo, que montou um fiteiro, comprado e abastecido com a ajuda da sua mãe. Vendia de tudo um pouco, até tarde da noite. Lembra que sempre viu sua mãe trabalhando e botando o alimento dentro de casa, despertando nela a mesma vontade. Continuava com o serviço de faxina e, quando o fazia, deixava o fiteiro sob responsabilidade dos filhos mais velhos, ainda crianças. Com o seu terceiro filho ainda bebê, sofreu um acidente, relembra: *“uma vez, de tão pesado que ele tava, cheio de coisa, aí ele foi e virou, minha filha. Quando ele virou, eu fui segurar ele. Ele torou meu dedo. Aí fui pra o hospital fazer uma cirurgia. Mas eu nunca desisti. Ainda botei de novo!”*. Conta que tinha medo de ir à falência por vender muitas coisas que precisava em casa, principalmente doces - consumidos com frequência pelas crianças da casa. Foi o que aconteceu. Foi à falência e desistiu de continuar com o fiteiro. Quando o seu terceiro filho completa três anos, tem o seu quarto e último filho de Beto.

Ainda sobre as considerações feitas a partir do estudo sobre a diferenciação referente ao acesso, à participação e à qualidade da inserção no trabalho das mulheres com e sem filhos, as autoras Guiginski e Wajnman (2019) concluem que *“a presença de filhos afeta significativamente a condição de inserção das mulheres no mercado de trabalho, refletindo-se em desvantagens na esfera produtiva”* (Guiginski & Wajnman, 2019, p. 20) -

sendo mencionadas, por exemplo, as chances elevadas de trabalho precário, de jornada parcial e de trabalho autônomo. Também nesse sentido, Montali (2012) reflete sobre a realidade de trabalho das mulheres com grande carga de demandas familiares, evidenciando que por trás da maior precariedade no trabalho está a sobrecarga de responsabilidades das mulheres com filhos.

Quando seus filhos já estavam crescidos, começou a trabalhar em uma escola no período da manhã. Estar naquele ambiente despertou a vontade de retomar os estudos. Foi assim que Janiele se matriculou novamente em uma escola próxima à sua casa, não sairia até concluir o ensino médio. A escola em que trabalhava, que era também próxima à sua casa, pouco tempo depois mudou para outro bairro. Janiele precisava, então, sair de casa às 6h da manhã para ir andando de um bairro ao outro. Acordava cedo para deixar as coisas da sua casa organizadas antes de sair. Não era carteira assinada, mas recorda: *“eu fazia de tudo”* - desde a faxina nos ambientes, até preparar o lanche e ajudar a dar banho nas crianças. Durante a tarde, fazia os serviços domésticos para a dona da escola.

Nessa casa, os cuidados iam desde preparar as refeições, limpar e organizar os cômodos até tomar conta dos filhos, inclusive quando ficavam sozinhos nos períodos em que a mãe viajava. Ao chegar em casa, o intervalo era curto para se organizar a tempo de ir para a escola assistir às aulas no início da noite. Relembra que, algumas vezes, a sua empregadora esquecia de pagar o dinheiro da passagem, acrescenta: *“mas sempre de boa, sempre gostaram de mim”*. Por vergonha, não cobrava. Precisando compor renda, levava pipoca e bombons para vender na escola em que estudava. No fim do dia, voltava para casa andando. Mesmo com a ajuda da sua filha mais velha na organização da sua casa, relembra: *“chegava em casa mortinha”*. Aquelas mulheres que, alocadas em um sistema engendrado na exploração do trabalho reprodutivo, são forçadas a fornecer esse trabalho de forma gratuita ou a um custo muito baixo; no cuidado da casa e das crianças de suas empregadoras ou patroas, elas

“tiveram de lutar ainda mais para cuidar da própria vida” (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019, p. 53).

Janiele lembra desse período como o que mais esteve cansada - *“mas a necessidade falava mais alto”*. Trabalhava os três turnos, e relembra: *“sentia fisicamente.... Um cansaço muito grande. Muita demanda!”*. Além de administrar as disposições demandadas pelo trabalho que proporcionava sua remuneração, e das atribuições que surgiam como circunstanciais, mas que não estavam previstas dentro de suas obrigações laborais, seu tempo e sua energia também precisavam ser dedicados à sua responsabilidade enquanto mãe. Sobre essa época, recorda: *“Eu senti muito cansaço. Doía meus pés! Eu tinha que correr contra o tempo, né? Pra dar tempo tudo”*. Emerge, com relevância, o que Silvia Federici (2021) explicita sobre o trabalho de reprodução social:

Assim que (...) olhamos para a totalidade de nossa jornada de trabalho, vemos que, embora ela não resulte em salário, nosso esforço gera o produto mais precioso do mercado capitalista: a força de trabalho. O trabalho doméstico, na verdade, é muito mais que a limpeza da casa. É servir à mão de obra assalariada em termos físicos, emocionais e sexuais, prepará-la para batalhar dia após dia por um salário. É cuidar de nossas crianças – futura mão de obra -, ajudá-las desde o nascimento e ao longo de seus anos escolares e garantir que elas também atuem da maneira que o capitalismo espera delas. Isso significa que por trás de cada fábrica, cada escola, cada escritório ou mina existe o trabalho oculto de milhões de mulheres (...). (p. 28-29)

Algumas vezes, levava seus filhos para o trabalho e para a escola, podendo assim estar perto e tomar conta; quando não, precisava atender suas necessidades, mesmo de longe. Recorda da inquietação nos momentos em que recebia ligações da sua filha mais velha - que estava cuidando dos mais novos em casa - preocupada com a resistência deles para ir assistir aula. Janiele reconhece: *“deu trabalho, viu? Era luta!”*. Guiginski e Wajnsman (2019) são

decisivas ao colocarem que a sobrecarga de responsabilidades engendrada na atribuição social dos papéis femininos não apenas se expressa na persistência das desigualdades de gênero - nas esferas privada e pública -, como também afeta a vida familiar, o bem-estar e as possibilidades de acesso a um trabalho adequadamente valorizado dessas mulheres. Além disso, Janiele recorda de situações nessa escola em que não se sentia reconhecida nem valorizada. Janiele relata:

Eu acho que eles achavam que não me davam valor. Não me incluía em certas coisas. Eu achava que nem me considerava, mas também não ligava muito não, mas eu percebia isso. Eu acho que era por conta do meu tipo de serviço. Se fosse uma secretária, seria mais valorizada. Mas como era serviço de limpeza... Eu acho que tinha uma barreira! Uma vez me falaram: “Janiele, se um pai perguntar alguma coisa, você não fale não, que você é apenas da cozinha”. Quer dizer... Apenas da cozinha! (...) O certo é o que? “Ela é da cozinha, mas ela faz parte da escola!”. (...) Mas eu gostava muito, assim mesmo. (...) Eu servia pra tudo, eu ia até pra feira, comprar as coisas pra eles lá. Quando precisava comprar qualquer coisa pra fazer o lanche da criança, eu ia lá e fazia. E porque na hora que os pais viam me perguntar alguma coisa eu não podia responder? Tinha que ficar calada? (...). Se fosse a parte da limpeza, aí me inclui. Mas se tem uma parte de uma festa, eu não participo. Porque eu não faço parte, se eu sou daquele ciclo? Tem que participar de tudo. Só sirvo pra limpar, pra fazer a demanda das crianças, pra dar banho nas crianças, aí eu sirvo, eu presto. Aí é difícil!

Os contextos de trabalho são marcadamente políticos - é a partir disso que Sato e Oliveira (2008) refletem sobre a relevância em se considerar, não só a complexidade do cotidiano de trabalho, mas também a centralidade dos próprios trabalhadores no que se refere às reivindicações concretas sobre os problemas que emergem nesses contextos. A esse

respeito, Ribeiro et al. (2017) também defendem que a centralidade da prática orientada pela PST “*deve ser os problemas concretos vividos pelos trabalhadores*” (p. 107), pensados em vistas à sua transformação, em interconexão clara e necessária entre as práticas de intervenção e as atividades investigativas.

Os contextos de trabalho são marcadamente políticos - é a partir disso que Sato e Oliveira (2008) refletem sobre a relevância em se considerar, não só a complexidade do cotidiano de trabalho, mas também a centralidade dos próprios trabalhadores no que se refere às reivindicações concretas sobre os problemas que emergem nesses contextos. As produções intersubjetivas e simbólicas fazem parte do universo de trabalho na medida em que esses sujeitos vivenciam as contradições do sistema a que estão submetidos no cotidiano, elaborando conhecimento sobre sua atividade (Ribeiro et al., 2017).

Assim, as reflexões de Janiele frente a suas experiências delineadas pela não valorização do seu trabalho desvelam que é ouvindo o que as trabalhadoras e os trabalhadores têm para questionar e reivindicar sobre o seu trabalho que a prática da psicologia, sob a ótica que aqui se defende, precisa partir. A esse respeito, Ribeiro et al. (2017) também argumentam que a centralidade da prática orientada pela PST “*deve ser os problemas concretos vividos pelos trabalhadores*” (p. 107), pensados em vistas à sua transformação, em interconexão clara e necessária entre investigação e intervenção.

Janiele, ao ser questionada sobre como se sentia diante das situações de não valorização do seu trabalho, reflete: “*E ainda tem quando a gente percebe, mas fica por isso. Vai passando, vai relevando, vai achando que é normal... ‘Deixa pra lá, é assim mesmo. Meu lugar é esse mesmo’. A gente fica se diminuindo em certas situações*”. Emiliani (2009, in Coutinho, Oliveira & Sato, 2016), além de se referir à construção da psicologia como centrada no indivíduo, seus processos mentais, comportamentais e afetivos - posicionando marginalmente a vida cotidiana, retoma estudos desse campo e define a estrutura do cotidiano

enquanto um “andaime de estabilidade”, que se representa a partir “*daquilo que se experimenta como não problemático e dado como certo*” (p. 217). É enfatizada, portanto, a centralidade do cotidiano de trabalho enquanto campo de apreensão do real e campo privilegiado de investigação para a PST.

Os relatos de Janiele sobre a forma como era impactada pelas dificuldades enfrentadas no cotidiano de trabalho, além de revelarem sua conscientização a respeito do não reconhecimento de sua função enquanto digna de valorização, desvelam a produção de sentido congruente com a angústia delineada através da percepção, mesmo que concisa, da exploração de sua força de trabalho. Ela comenta:

No caminho mesmo do trabalho eu ficava pensando: ‘será que meu serviço é valorizado? Você vem isso tudo a pé, na correria pra dar tempo... Pra um salário pequenininho... Às vezes nem pagava no dia certo...’. Aí isso... Questão de sofrimento... Questão de aprender na vida.... Aí você vai acordando! É tanto que até hoje eu quero estudar mais. E só enxerga quando você tá com muito problema, aí você percebe que a situação precisa ser mudada.

Sobre a construção de uma ciência do trabalho, salientando a complexidade da sua natureza e, portanto, centralizando as experiências envolvidas na realização das atividades que constituem o seu acontecer, Ribeiro et al. (2017) defendem: “*os trabalhadores e trabalhadoras são atores políticos dos quais dependem as iniciativas de transformação das condições de trabalho*” (pp. 107-108).

Recebeu o convite para realizar serviços de limpeza e manutenção em um novo local de trabalho - o que está até os dias atuais - pouco tempo antes da escola em que trabalhava ir à falência, comenta: “*eu achava que não ia conseguir ficar; tava nos dois e tava me sentindo muito cansada*”. O seu novo local de trabalho se trata de um centro de cultura e arte, o mesmo que ela fez aulas de teatro quando ainda tinha 17 anos. Situado no mesmo bairro em

que Janiele mora, o centro funciona através de oficinas artístico pedagógicas, acolhendo e acompanhando crianças, jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade, principalmente aquelas que residem na mesma comunidade de Janiele. Seus filhos mais novos frequentam o centro, matriculados nas atividades. O convite de trabalho veio através de um dos seus irmãos mais novos, que ela ajudou a criar e que atualmente é professor no mesmo centro. Os serviços realizados envolvem limpeza e organização dos espaços, além de, especialmente, cozinhar para as crianças, atividade que ela recorda se identificar desde muito nova: *"onde eu chego, eu sou logo a que boto pra tudinho! Eu tenho esse dom. Desde pequena eu gostava disso"*.

As idas à escola eram acompanhadas dos seus dois filhos mais velhos e da namorada do seu primogênito. Na época, assistiam às aulas juntos. Também juntos, concluíram o ensino médio. Ela relembra com muito entusiasmo que mesmo sendo mãe e trabalhadora, não desistiu de estudar: *"eu nunca baixei a cabeça"*. Lembra com muita euforia e contentamento do seu envolvimento com as atividades da escola, das participações em gincanas e apresentações: *"parecia que eu era nova, mas o que tinha, eu tava dentro"*. Relembra, com felicidade, das vezes que incentivou suas amigas a concluírem seus estudos, aquelas que ainda estavam na escola, mas que pensavam em desistir por achar que não conseguiriam. Em sua memória ainda ressurgem com agrado também a lembrança de que era famosa com a venda das pipocas e bombons. Surgiu a pandemia, enquanto ainda estava terminando o ensino médio. Comenta que, mesmo com a dificuldade do ensino à distância, concluiu os estudos, depois de tudo, próximo aos seus 43 anos. Emerge como um suspiro: *"teve a minha formatura, a coisa mais linda"* e ainda afirma, com segurança: *"eu ainda vou estudar mais! Quero estudar mais pra... Quer dizer, ir lá em cima!"*.

“Eu fazia mil e uma coisas, mas eu gostava”: A divisão sexual do trabalho na história de vida de Janiele

As suposições teóricas seguidamente desenvolvidas levarão em consideração aquilo que foi materializado pelo relato da história de vida de Janiele. Fundamentado nesses dados, emergirá o diálogo entre as duas perspectivas que orientaram a investigação aqui apresentada. Em sintonia com o subsídio empírico, algumas considerações que, em síntese, demonstram o que se defende a partir do prisma da Psicologia Social do Trabalho e da divisão sexual do trabalho, se referem ao que é pontuado a seguir. A princípio, é pertinente trazer a colocação de bell hooks (2020) a respeito da necessidade de se repensar a natureza do trabalho no contexto do sistema capitalista. Em uma perspectiva crítica, afirma: *“É preciso admitir que se trata de um sistema que depende da exploração da classe baixa para sobreviver. É preciso admitir que, dentro desse sistema, a maior parte das mulheres é e será vítima da opressão de classe”* (p. 155).

De modo congruente, caminham Cinzia Arruza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (2019) quando afirmam:

Longe de estar restrita a homens brancos heterossexuais, em cuja imagem ainda é muito frequentemente fantasiada, a maior parte da classe trabalhadora global é constituída de (...) pessoas com diferentes capacidades, cujas necessidades e os desejos são renegados ou deturpados pelo capitalismo (p. 55).

Por fim, Ribeiro et al. (2017) trazem uma reflexão, por ora, conclusiva:

As práticas investigativas e interventivas no âmbito da PST visam auxiliar no enfrentamento das mazelas do capitalismo e na busca dos trabalhadores por autonomia nos mais variados contextos de trabalho, motivo pelo qual essas práticas frequentemente são críticas e denunciadoras da lógica capitalista (p. 108).

Em consonância com as considerações explicitadas acima, as teorizações aqui desenvolvidas permitem que seja apresentada a defesa da centralidade da divisão dexual do trabalho para as atividades investigativas e práticas interventivas que propõe a Psicologia Social do Trabalho - na medida em que essa defende a denúncia da lógica capitalista de exploração do trabalho, ao passo que aquela aponta aquelas sobre as quais recaem os principais efeitos dessa lógica. Nas considerações apresentadas subsequentemente, ilustram a relevância dessa defesa as particularidades da realidade concreta de Janiele, engendradas conforme sua posição de mulher, situada na base dessa estrutura de exploração - negra, periférica, mãe e trabalhadora.

Primeiramente, se coloca como central o que Pizzinga (2020) discorre a respeito do que se observa no campo da saúde da mulher - menciona que não há coisas naturais, mesmo que se acredite em ‘evidências’ ou em ‘algo que é porque sempre foi’ concluindo que *“as coisas não têm existência em si e por si, não são senão correlatos de práticas sociais muito bem datadas, são produções sócio-históricas e culturais”* (p. 329). O que se percebe nas reflexões de Janiele, apesar de certo nível de conscientização sobre as contradições do seu cotidiano de trabalho e da sua esfera doméstica, é certa resignação frente a circunstâncias problemáticas - como, por exemplo, afastamento dos estudos formais e sobrecarga de trabalho. Pretende-se, com essa ponderação, delinear enquanto produção simbólica e sócio histórica o hábito de se colocar de forma conformada, de modo a refletir criticamente sobre o porquê dessa mulher entender como natural certas condições que lhe são impostas.

Ao falar sobre a relação conflituosa com o pai dos seus filhos, reflete: *“na minha cabeça eu acho muito errado, né? Mas... Eu acostumei também”*. Quando lembra das situações em que deixou a escola, mesmo querendo estar estudando, conclui: *“mas como o destino às vezes... Quando a pessoa tem que desistir... Aí acabei desistindo”*. Quando relata o cansaço físico e mental originado da sobrecarga de trabalho diante das dificuldades

financeiras, argumenta: “*mas quando você vê que você conseguiu passar, conseguiu vencer o seu cansaço, aí é muito bom*”. Ao recordar das situações, na escola em que trabalhava, em que se sentia silenciada, afirma: “*mas também não ligava muito não*”, e sobre aquelas nas quais não se sentia valorizada por realizar o serviço de limpeza, transparece: “*mas eu gostava muito, assim mesmo*”. Quando a sua empregadora, dona da escola, esquecia de pagar a sua passagem, pondera: “*mas sempre de boa, sempre gostaram de mim*”. Ao relemburar dos dias de trabalho no mercadinho, mesmo que o dinheiro fosse incerto, relata: “*eu fazia mil e uma coisas. Mas eu gostava!*”.

Para refletir sobre esses processos de resignação, se coloca de forma significativa a discussão feita por Maria Chalfin e Fábio de Oliveira (2017) no que se refere às práticas cotidianas, aos processos de significação e às identidades - entendendo-as enquanto não apenas três dimensões intersubjetivas, como também caminhos de análise no processo investigativo orientado pela PST. A respeito das práticas cotidianas, essas são associadas às vivências que expressam tanto as teias de poder, da exploração e da opressão, como as resistências dos trabalhadores. Desenvolve-se a partir do entendimento de que a produção de sentido e a configuração de subjetividades estão imbricadas nas vivências que as originam - essas engendradas em planos materiais específicos - a discussão sobre os processos de significação. As identidades são apontadas como centrais para se pensar, tanto no âmbito subjetivo, como objetivo, o lugar do trabalho na constituição dos sujeitos.

Em conclusão, paralelamente à forma como Janiele se coloca frente às situações descritas, explicita-se a articulação entre essas três categorias, ao passo que as práticas cotidianas produzem sentidos e os sentidos guiam as práticas, ambos se articulando com as identidades, as quais emergem a partir da ação dos sujeitos sobre o mundo e do conhecimento que constroem a partir dessas ações. Evidencia-se a configuração da sua subjetividade e os seus processos psicológicos a partir do seu desenvolvimento no meio social. Partindo do

entendimento sobre o diálogo entre vivências cotidianas e produção de sentido, reflete-se sobre o que revelam os relatos de Janiele sobre sua história de vida - momentos em que não pôde seguir os caminhos por ela considerados ideais, diante de situações que fugiam do seu controle. Como consequência, suas experiências e projeções, precisaram ser, de forma resignada, moldadas diante do seu contexto.

Observando a sua trajetória - narrada de forma a articular constantemente a sua inserção no trabalho reprodutivo quando ainda criança, o afastamento dos estudos formais por precisar cuidar dos irmãos e filhos, e a sua inserção no mundo produtivo através de, principalmente, trabalhos informais - se desvelam as consequências, ainda nos dias atuais, daquilo que Federici (2017) debate sobre a configuração de sociedade que se estabeleceu a partir do desenvolvimento do capitalismo. Um dos efeitos, como aponta a filósofa e ativista, é o controle do Estado sobre os corpos das mulheres, as privando da condição fundamental de sua integridade física e psicológica; como consequência, tem-se o confinamento das mulheres à atividade reprodutiva e a redução dessas a 'não trabalhadoras'. Referindo-se ainda à época que logo sucedeu a Idade Média, Federici (2017) pontua: *“as proletárias, em particular, encontraram dificuldades para obter qualquer emprego além daqueles com status mais baixo”* (p. 182), usando como exemplo o trabalho das empregadas domésticas.

Em coerência com o que defende Silvia Federici, desenvolve-se o estudo de Guiginski e Wajnman (2019), embasado no fato de que fazem parte de um espaço predominantemente femininos as atividades ligadas à esfera doméstica e familiar, em contraste com as funções de maior valor social, em espaços prioritariamente masculinos. Tecendo suas análises a partir dos estudos sobre a divisão sexual do trabalho, as autoras concluem que *“a maior carga de atribuições familiares e domésticas das mulheres (...) compromete o desenvolvimento profissional e o acesso a ocupações de qualidade”* (pp. 18-19).

Indo além da problematização explicitada sobre o acesso a ocupações de qualidade por aquelas mulheres que exercem, de forma acentuada, as atividades reprodutivas, aqui se defende a necessidade de maior valorização e melhor remuneração da ocupação em serviços domésticos, uma vez que esses precisarão ser sempre executados. Nas palavras de Janiele, ao ser interrogada sobre seus trabalhos envolvendo limpeza e organização: *“Eu gosto. Só deveria ser mais acolhida em questão financeira, de pagar melhor. De ser um trabalho mais valorizado”*.

Revelada a exploração do trabalho de reprodução social, é imprescindível mencionar as possibilidades de adoecimento em face da sobrecarga. Em vista disso, como pontuam Coelho et al. (2018), *“a divisão sexual do trabalho reafirma-se como um fenômeno (...) relacionado à possibilidade de sobrecarga de trabalho e adoecimento, dada a sobreposições de papéis e responsabilidades assumidas diariamente pela mulher”* (p. 8). As falas de Janiele vão no sentido de reconhecer esse adoecimento, colocando que *“Não vale a pena trabalhar demais. Eu sinto que a saúde da gente não é a mesma coisa”*, complementando posteriormente: *“às vezes eu não tô com saúde suficiente pra estar em todos os lugares, né? Questão de trabalhar, trabalhar... E a saúde depois? ”*. Argumenta, ao ser perguntada sobre o seu cansaço e como se sente diante da sobreposição de papéis e acúmulo de responsabilidades ligadas ao trabalho produtivo e reprodutivo:

O que deveria ter é eu não estar nos dois trabalhos ao mesmo tempo, mas a necessidade falava mais alto. Aí eu tinha que ir pra os dois. Os três, que tinha escola também. A escola em questão de não ter terminado os estudos e ter que encarar mesmo essa luta, que era muito grande. Cansativa!

Retomando o que foi discutido sobre o diálogo entre as práticas e vivências cotidianas e a produção subjetiva de sentido, e considerando o que foi dito anteriormente, sobre as suas projeções que foram, desde cedo, cerceadas frente às especificidades do seu contexto, se

analisa, na narrativa de Janiele, a sua dificuldade em projetar, com clareza, um futuro profissional. Ela comenta: *“na faculdade eu penso em estudar, mas é porque é pago, né? Por enquanto eu não tenho dinheiro, assim, certinho. (...) Eu penso uma que... Seja bem boa. (...) Eu não sei... O curso... Que seja bom pra mim...”*.

Para fundamentar esse debate, convoca-se primeiramente, bell hooks (2020), que afirma que *“as mulheres são economicamente exploradas no trabalho, mas também são exploradas psicologicamente. São educadas pela ideologia sexista a desvalorizar a contribuição de sua força de trabalho”* (p. 156), no mesmo caminho, Janiele reflete: *“eu penso em estudar mais e ganhar muito mais em dinheiro, né? Porque só... Trabalho de limpeza não ganha o suficiente. Estudar pra crescer mais!”*. Em sequência, bell hooks (2020) complementa sua defesa argumentando que *“através do consumismo, são ensinadas a acreditar que o trabalho só é importante por conta da necessidade material, não como uma forma de contribuir para a sociedade”* (p. 156). Janiele, ao ser perguntada sobre algum outro trabalho que ela gostaria de exercer, responde: *“assim... Eu penso em ganhar bem... Eu quero só aprender mais, entender mais”*.

Retoma-se, nesse momento, a compreensão de que as mulheres não estão à margem da exploração do trabalho produtivo pela lógica da acumulação primitiva, ao serem condicionadas à esfera do trabalho doméstico. Já que são responsáveis pela reprodução da classe trabalhadora, são o pilar da organização capitalista do trabalho. A exploração pela lógica capitalista se estrutura, portanto, através da invisibilização do seu trabalho. Hirata (2015) aponta para as mudanças que vêm acontecendo, nos últimos vinte anos, em relação à repartição entre homens e mulheres do trabalho doméstico e do cuidado, conclui, no entanto, que essas mudanças *“parecem muito mais lentas do que no trabalho profissional”* (p. 15). A partir dessas ponderações, se reflete sobre o trecho que se segue de uma das entrevistas com Janiele:

Pesquisadora: Sua vida seria diferente se você não fosse mulher?

Janiele: Eu não teria filho nova, ia estudar mais... pensar mais no futuro. Também tem a dificuldade de trabalho, trabalhar cedo, ter muitos filhos cedo também... E a dificuldade da família, né, que já vem de família. De mãe não ter condição.

Pesquisadora: Como você se sente sobre isso?

Eu acho que é direitos iguais, né? Hoje em dia o homem faz tudo igual a mulher... mas tem uns que já não faz. Eu não sei se é machismo, ou se é criação de família... mas deveria ser todo mundo igual.

Para dar conclusão à defesa que aqui se propôs desenvolver, sobre ser fulcral para as perspectivas críticas de investigação e intervenção sob o prisma da Psicologia Social do Trabalho as conceituações teóricas sobre a divisão sexual do trabalho, é explanado o diálogo feito ao final do processo de entrevista com Janiele:

Pesquisadora: E o trabalho? O que significa o trabalho na sua vida?

Janiele: Pra mim significa muito, muito, muito. É muito importante. Várias coisas, né? Um que é minha renda, pra cuidar dos meus filhos, dos meus netos. E também é importante o que... A pessoa que eu vou crescendo naquele trabalho... eu vou me desenvolvendo mais... vou crescendo, vou tendo mais desenvolvimento! Tudo isso serve muito.... Um trabalho digno, um trabalho que me valorize. Então é muito importante na minha vida. Eu estou crescendo, devagarzinho. Sabendo conversar... porque às vezes você nem sabe se expressar. Conversar. Explicar. Então você vai aprendendo.

O diálogo acima exposto foi elencado para finalizar as teorizações aqui desenvolvidas ao passo que é apresentado algo essencial, defendido em ambas as perspectivas teóricas que este trabalho propõe relacionar: a centralidade do trabalho - e a possibilidade de ser tanto potencializador, como limitador, a depender de como é experienciado - para o

desenvolvimento não somente psicológico, como também social dos sujeitos. As falas de Janiele expõem o lugar do trabalho de reprodução social em sua história de vida, afastando-a, em alguns casos, dos estudos formais e do espaço produtivo de trabalho. É na defesa de olhar para a forma como muitas subjetividades são moldadas pela lógica de exploração da estrutura capitalista de organização do trabalho que se encerra a análise aqui apresentada.

Considerações finais

É reconhecendo o meu lugar na sociedade que escrevo as considerações finais deste trabalho sobre uma história que provocou algumas lágrimas no processo de construção da investigação até aqui descrita. Estar desenvolvendo um trabalho de conclusão de curso a partir de um relato atravessado, do início ao fim, pela dificuldade em acessar o ensino formal é doloroso. Saber que muitas meninas ainda enfrentarão o mesmo é mais ainda. Escrevo, e peço licença para isso, da maneira menos impessoal possível, ao passo que, desde seu planejamento até a sua execução, este trabalho se alicerça em inquietações minhas frente às lógicas de opressão e aos mecanismos de exploração aqui apresentados.

É entendendo também, por um lado, que mesmo a atividade científica é também política e, por outro lado, que o corpo é, mais que um lugar de produções identitárias, um lugar de resistências, que se desenvolveu um processo dialógico entre investigação e intervenção. Aqui, no intento de revelar a dimensão psicológica e subjetiva da divisão sexual do trabalho como me foi contado por uma mulher - mãe e trabalhadora -, me embasei em tal narrativa, ao passo que era explicitada pela entrevistada, para levantar questionamentos, enquanto entrevistadora, que tinham em sua essência a busca pela tomada de consciência das problemáticas apreendidas, por vezes, de forma naturalizada.

Minha investigação considera, assim como defendem Coutinho, Oliveira e Sato (2016) sobre a pesquisa em Psicologia Social do Trabalho, uma postura metodológica assumindo meu lugar enquanto partícipe da realidade investigada e dos acontecimentos que a

envolvem. Foi partindo das minhas inquietações pessoais, das discussões aqui levantadas, do aporte teórico-metodológico desta pesquisa e, mais importante, daquilo que me foi suscitado pelo processo de coleta e análise dos dados - vendo que me foi dito mais de uma vez por Janiele, frente ao orgulho da sua trajetória, “*é história, né? Dá pra fazer um livro!*” - que emergiu em mim o desejo de materializar tudo que aqui foi narrado, reunindo as informações das transcrições, para que fosse entregue a Janiele aquilo que ela tanto mencionou. A construção do livro com a sua história de vida e a entrega para Janiele foram elaboradas não apenas considerando, assim como é discutido por Ribeiro et al. (2017) sobre a dimensão ético-política do trabalho do pesquisador, os impactos inevitáveis da atividade científica sobre a realidade investigada, mas também, e especialmente, como uma forma de agradecimento para Janiele que, desde o convite para a participação, acolheu este trabalho com tanto carinho.

Sobre a história de vida de Janiele, se constata que seus caminhos no estudo formal - e, como efeito, sua inalcançável trajetória universitária - foram cerceados pelas suas condições históricas e sociais. Entendendo que a impossibilidade de estar na universidade, não só para Janiele, como para muitas pessoas, vai além daquilo que se pode controlar, é pertinente trazer o que Grada Kilomba (2019) discorre ao criticar o caráter colonizado do conhecimento construído na academia, argumentando que “*não é somente uma imensa, mas também urgente tarefa descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento*” (p. 53). Espera-se que a tentativa de ouvir a história de Janiele seja um passo - pequeno, mas importante - para uma forma de descolonizar o conhecimento construído na universidade.

Considera-se, por um lado, a limitação do trabalho que não possibilita exprimir por completo a realidade das problemáticas investigadas. A limitação associada às circunstâncias a partir das quais se delimitou um curto período de tempo para realização das entrevistas é a mais significativa. Entende-se que é importante dar continuidade ao que aqui se apresenta a

partir do diálogo entre histórias de vidas de diferentes mulheres, em condições e períodos de vida distintos, para que se sustentem reflexões a partir de um conjunto amplo de elementos – são, portanto, indicações para estudos posteriores. Por outro lado, se reconhece a potência de um estudo que procurou ouvir a história de uma mulher que narra, com clareza, os efeitos subjetivos e psicológicos da estrutura material de uma organização capitalista do trabalho, sendo a não valorização do trabalho reprodutivo e a necessidade de inserção em trabalhos informais e precários as mais alarmantes consequências em sua trajetória.

Aqui se delineia como pertinente o que foi observado na narrativa de Janiele em relação a sua posição enquanto mulher negra. Constrói-se, por meio da divisão sexual e racial do trabalho e da divisão de classe, o entendimento sobre as relações sociais de sexo, raça e classe enquanto estruturantes na determinação material da exploração do trabalho. Helena Hirata (2015) fala sobre o aumento da inserção feminina nas atividades produtivas em paralelo à persistência das desigualdades, defendendo que “*as relações sociais de gênero, de raça e de classe são interdependentes e indissociáveis*” (p. 6). No entanto, o que se materializou nesta pesquisa foi o difícil acesso aos relatos que refletem sua percepção enquanto mulher negra, mesmo que tenha existido a tentativa de abordar a dimensão das relações raciais durante as entrevistas. Tais questões são tecidas para pontuar, sem pretensão de esgotá-las, uma consideração que pode ser resumida a partir do pensamento de Neusa Santos Souza (2021) que, ao localizar enquanto central no processo de ‘vir a ser negro’ a tomada de consciência sobre o processo ideológico que, em certos casos, engendra uma estrutura de desconhecimento acerca de si, defende “*ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro*” (p. 115).

Em contrapartida, as questões levantadas nesta pesquisa, no que se refere à divisão sexual do trabalho, foram facilmente acessadas - seja pelo reconhecimento, por parte da entrevistada, do trabalho de reprodução social como a atividade digna de atenção e

valorização; seja por ela entender que sua história foi moldada pelo trabalho do cuidado, exercido desde criança até o presente momento. Janiele trouxe, com muita naturalidade, os efeitos da assimetria das relações de poder que explora o trabalho feminino, principalmente das mulheres negras, da classe trabalhadora e moradoras de periferia.

Além de cumprir com o objetivo central de analisar a trajetória de vida e laboral de uma trabalhadora de uma comunidade periférica, foram discutidas as condições sociais e psíquicas que situam essa mulher como vulnerável a condições de opressão e exploração, além de identificados os sinais de sobrecarga, sofrimento e adoecimento na sua realidade concreta. Além disso, foi observado que não se delineia de modo claro as suas atribuições sobre a noção de que certas atividades e funções são exclusivas das mulheres - havendo, em alguns casos, naturalização dessa estrutura e, em outros, o reconhecimento de que é cultural a atribuição de papéis exclusivamente femininos. Por fim, mesmo que modesta, existe certa inquietação frente a essas atribuições, não se delineando de forma tão explícita desejos de mudança dessa estrutura.

Orientada pelo que defende a Psicologia Social do Trabalho (Pereira, 2019), essa investigação teve como norte não apenas denúncia de condições exploradoras e adoecedoras de trabalho, como também o enfrentamento das relações desiguais que perpassam essas condições, às quais são submetidas as pessoas no cenário capitalista neoliberal. Argumenta-se, por essa perspectiva, que o trabalho é, não só a chave da questão para entender os problemas sociais, mas também a chave da solução da questão social. Como mencionam Sato, Coutinho e Bernardo (2017), Martin-Baró alertava para a necessidade de confrontar o saber psicológico com as problemáticas vivenciadas por aqueles dominados pela lógica capitalista do trabalho, na defesa de uma *“superação de enfoques tradicionais sobre o trabalho da psicologia por um enfoque político capaz de compreender os setores marginalizados, discriminados e explorados da população”* (p. 18). Espera-se, em conclusão,

que esta pesquisa ajude a sinalizar possíveis caminhos para a construção de uma psicologia socialmente comprometida e politicamente engajada, reconhecendo na singularidade da história de cada sujeito possibilidades enriquecedoras de transformação social.

“Como é horrível ouvir um pobre lamentando-se. A voz do pobre não tem poesia” escreve Carolina Maria de Jesus em seu diário, cujas histórias narradas e lástimas assentadas na sua experiência de vida enquanto catadora de papel foram uma das várias inspirações a partir das quais surgiu a ideia de desenvolver a investigação apresentada. Aqui, no entanto, mesmo que não sejam os admiráveis os versos que constataam condições de opressão e exploração na história de vida e de trabalho de Janiele, reconhece-se a potência em ouvir sua voz e construir uma análise dos atravessamentos subjetivos e psicológicos concretizados a partir da materialidade histórica. Assim como a história de Carolina inspirou a realização desta pesquisa, que a história de Janiele seja eco para práticas e investigações embasadas na emancipação dos grupos minoritários, especialmente as mulheres, mães e trabalhadoras desse país.

Referências

- Arruzza, C., Bhattacharya, T., & Fraser, N. (2019). *Feminismo para os 99%: um manifesto*. Boitempo.
- Barros, J. O., & Lancman, S. (2016). A centralidade do trabalho para a construção da saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 27(2), 228-235.
- Biroli, F. (2016). Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. *Revista de Ciências Sociais*, 59(3), 719-754.
- Cassiani, S. H. D. B., Caliri, M. H. L., & Pelá, N. T. R. (1996). A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. *Revista latino-americana de enfermagem*, 4(3), 75-88.
- Castro, S. (2021). Acumulação primitiva e ‘patriarcado do salário’, a relação entre feminismo e marxismo na obra de Silva Federici. *Revista PERI*, 13(3), 1-10.
- Coutinho, M. C., & Oliveira, F. (2017). Algumas ferramentas teóricas para o estudo psicossocial do trabalho: práticas cotidianas, processos de significação e identidades. In M. C. Coutinho, M. H. Bernardo & L. Sato (Orgs.) *Psicologia Social do Trabalho* (81-102). Editora Vozes.
- Cisne, M. (2018). Feminismo e marxismo: apontamentos teóricos-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. *Serviço Social & Sociedade*, (132), 211-230.
- Coelho, A. P. F., Beck, C. L. C., Silva, R. M., Vedotto, D. O., & Silva, J. R. P. (2018). Trabalho feminino e saúde na voz de catadoras de materiais recicláveis. *Texto Contexto Enfermagem*, 27(1), 1-10.
- Coutinho, M. C., Oliveira, F., & Sato, L. (2016). Olhar o cotidiano: percursos para uma psicologia social do trabalho. *Psicologia USP*, 27(2), 289-295.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Elefante.

- Federici, S. (2021). *O patriarcado do salário: Notas sobre Marx, gênero e feminismo*. Boitempo.
- Flick, U. (2009). Pesquisa qualitativa: por que e como fazê-la? In U. Flick. *Introdução à pesquisa qualitativa* (20-49). Artmed.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Glaser, B. & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine Publishing Company.
- Guiginski, J., & Wajnman, S. (2019). A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 36, 1-26.
- Hirata, H. (2001). Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*, 17/18(2), 139-156.
- Hirata, H. (2015). Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: divisão sexual do trabalho numa perspectiva comparativa. *Friedrich-Ebert-Stiftung Brasil*, 7, 1-22.
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007) Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595-609.
- Holmstrom, N. (2014). Como Karl Marx pode contribuir para a compreensão do gênero? In D. Chabaud-Rychter, V. Descoutures, A. Devreux & E. Varikas (Orgs.) *O gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour* (343-357). Editora Unesp; Editora Unb.
- hooks, b. (2020). *Teoria feminista: da margem ao centro*. Perspectiva.
- Jesus, C. M. (2014) *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ática.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.

- Mónico, L. S., Alferes, V. R., Castro, P. A., & Parreira, P. M. (2017). A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*, 3, 724-733.
- Montali, L. (2012) Desigualdades de gênero no mercado de trabalho e as políticas sociais. *Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Águas de Lindóia/SP, Brasil.
- Navarro, V. L., Maciel, R. H., & Matos, T. G. R. (2017). A questão do trabalho no Brasil: uma perspectiva histórica a partir do desenvolvimento industrial. In M. C. Coutinho, M. H. Bernardo & L. Sato (Orgs.) *Psicologia Social do Trabalho* (25-48). Editora Vozes.
- Nogueira, M. L. M., Barros, V. A., Araujo, A. D. G., & Pimenta, D. A. O. (2017). O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesquisa e Práticas Psicossociais*, 12(2), 466-485.
- Oliveira, R. C. M. (2014). (Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, 2(4).
- Passos, R. G. (2016). Trabalho, cuidado e sociabilidade: contribuições marxianas para o debate contemporâneo. *Serviço Social & Sociedade*, 126, 281-301.
- Pereira, M. S. (2019). A Psicologia Social do Trabalho como campo de práticas, saberes e resistências. *Psicologia & Sociedade*, 32, 1-5.
- Petrini, M., & Pozzebon, M. (2009). Usando Grounded Theory na construção de modelos teóricos. *Revista Gestão & Planejamento*, 10(1), 1-18.
- Pizzinga, V. H. (2020). Vulnerabilidade e atividades essenciais no contexto da COVID-19: reflexões sobre a categoria de trabalhadoras domésticas. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 46(25), 1-9.

- Ribeiro, M. A., Oliveira, F., Bernardo, M. H., & Navarro, V. L. (2017). Práticas em Psicologia Social do Trabalho: pesquisa e intervenção. In M. C. Coutinho, M. H. Bernardo & L. Sato (Orgs.) *Psicologia Social do Trabalho* (103-126). Editora Vozes.
- Sanches, S. (2009). Trabalho doméstico: desafios para o trabalho decente. *Revista Estudos Feministas*, 17(3), 879-887.
- Santos, Y. G. (2014). As mulheres como pilar da construção dos programas sociais. *Caderno CRH*, 27(72), 479-494.
- Sato, L., Coutinho, M. C., & Bernardo, M. H. (2017). A perspectiva da Psicologia Social do Trabalho. In M. C. Coutinho, M. H. Bernardo & L. Sato (Orgs.) *Psicologia Social do Trabalho* (11-24). Editora Vozes.
- Sato, L., & Oliveira, F. (2008). Compreender a gestão a partir do cotidiano de trabalho. *Aletheia*, 27, 188-197.
- Souza, S. N. (2021). *Tornar-se negro*. Zahar.
- Vasconcelos, M. F. F., Felix, J., & Gatto, G. M. S. (2017). Saúde da mulher: o que poderia ser diferente? *Psicologia Política*. 17(39), 327-339.
- Vieira, A., & Amaral, G. A. (2013). A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. *Saúde Sociedade São Paulo*, 22(2), 403-414.
- Zanella, A. V., & Sais, A. P. (2008). Reflexões sobre o pesquisar em psicologia como processo de criação ético, estético e político. *Análise Psicológica*, 4, 679-687.